



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA**

ANA CARLA DA SILVA

**A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE
GEOGRAFIA: UMA EXPERIÊNCIA A PARTIR DO PROJETO DE EXTENSÃO
“ESPAÇOS DE EXPERIÊNCIAS DO HUMANIZA BOSQUE CARLOS BELARMINO
(HCBC)”**

**GUARABIRA-PB
2023**

ANA CARLA DA SILVA

**A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE
GEOGRAFIA: UMA EXPERIÊNCIA A PARTIR DO PROJETO DE EXTENSÃO
“ESPAÇOS DE EXPERIÊNCIAS DO HUMANIZA BOSQUE CARLOS BELARMINO
(HCBC)”**

Monografia apresentada a coordenação do Curso de Licenciatura Plena em Geografia da Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades – Campus III, Guarabira, em cumprimento a exigência para obtenção do grau de Licenciada em Geografia.

LINHA DE PESQUISA: Metodologias do ensino de Geografia (fundamental e médio).

Orientador: Prof. Dr. Leandro Paiva do Monte Rodrigues

**GUARABIRA-PB
2023**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586e Silva, Ana Carla da.

A extensão universitária na formação de professores de geografia [manuscrito] : uma experiência a partir do Projeto de Extensão "Espaços de Experiências do Humaniza Bosque Carlos Belarmino (HCBC) / Ana Carla da Silva. - 2023.

76 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2023.

"Orientação : Prof. Dr. Leandro Paiva do Monte Rodrigues, Departamento de Geografia - CH. "

1. Geografia. 2. Extensão. 3. Formação. 4. Professores. I.
Título

21. ed. CDD 910

ANA CARLA DA SILVA

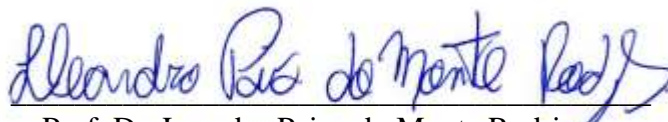
**A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE
GEOGRAFIA: UMA EXPERIÊNCIA A PARTIR DO PROJETO DE EXTENSÃO
“ESPAÇOS DE EXPERIÊNCIAS DO HUMANIZA BOSQUE CARLOS BELARMINO
(HCBC)”**

Monografia apresentada a coordenação do Curso de Licenciatura Plena em Geografia da Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades – Campus III, Guarabira, em cumprimento a exigência para obtenção do grau de Licenciada em Geografia.

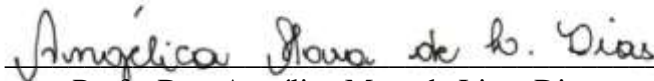
LINHA DE PESQUISA: Metodologias do ensino de Geografia (fundamental e médio).

Aprovada em: 20/06/2023.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Leandro Paiva do Monte Rodrigues
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Dra. Angélica Mara de Lima Dias
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Ivanildo Costa da Silva
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

“Dedico a minha mãe e ao meu pai por sempre me apoiarem nessa conquista, a Deus por jamais nos desamparar e sempre me abençoar, além de todos que de alguma forma me ajudaram a chegar até aqui, amigos, colegas, professores e família”.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço a Deus por me ajudar nessa caminhada, me guiar nos dias difíceis e nos dias bons, obrigado senhor!

A minha mãe e ao meu pai por sempre confiarem em mim, me apoiarem e me ajudarem em tudo que precisei durante todo o percurso do curso.

Agradeço a todos que estiveram comigo, amigos, colegas e professores da UEPB.

Em especial, agradeço aos amigos que estiveram sempre comigo desde o início, nas atividades, trabalhos e na amizade, Tiago Jorge de Oliveira e Natalia de Oliveira Silva.

A minha querida amiga Yasmyn dos Santos Pontes que além de amiga e colega, foi minha companheira nas aulas em campo e no projeto de extensão, assim como Tiago Jorge.

A Dr. Professora e coordenadora do Programa Humaniza Bosque Carlos Belarmino (HCBC), Luciene Vieira de Arruda, por todo conhecimento e ajuda que me forneceu durante o tempo em que fui bolsista do Projeto de Extensão ligado ao programa e sua aluna.

Ao meu orientador Leandro Paiva do Monte Rodrigues que me recebeu como sua aluna, bolsista e orientada, obrigado por todo conhecimento, experiência, técnicas compartilhadas e por me ajudar a fechar esse ciclo tão importante na minha vida.

Aos coordenadores adjuntos do projeto de extensão aqui trabalhado, Prof. Dr. Ivanildo Costa da Silva e a Prof. Dr. Angélica Mara de Lima Dias, que também foram os examinadores deste trabalho.

Também ao meu amigo Rodeliano Barbosa que sempre esteve comigo, mesmo em cursos diferentes, por toda ajuda e por todas as dúvidas e preocupações compartilhadas.

A toda minha família que torceu para que eu fosse a primeira da família a se formar em uma universidade e ter uma profissão, que sempre se orgulharam pelos caminhos que escolhi trilhar, mesmo não sendo fácil.

A todos os funcionários da UEPB que sempre me ajudaram quando precisei.

A todos que me ajudaram de alguma forma, que colaboraram para a minha formação profissional e pessoal.

Agradeço a todos que torceram, rezaram e me acompanharam até aqui, muito obrigado!

“Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender.”

(Paulo Freire)

043 – Geografia

SILVA, Ana Carla da. **A extensão universitária na formação de Professores de Geografia: uma experiência a partir do projeto de extensão “Espaços de experiência a partir do Humaniza Bosque Carlos Belarmino (HBCB)**. (Monografia de graduação, Curso de Geografia, UEPB/CH, orient. Leandro Paiva do Monte Rodrigues), 2023, 76p.

BANCA EXAMINADORA: Prof. Dr. Leandro Paiva do Monte Rodrigues (Orientador)
Profa. Dra. Angélica Mara de Lima Dias
Prof. Dr. Ivanildo Costa da Silva

RESUMO

Considerando que a extensão universitária é importante para formação inicial de professores, pois busca fazer com que os estudantes se tornem profissionais mais qualificados e capacitados, essa pesquisa aborda sobre a extensão universitária na formação de professores de Geografia. Em que, tem como objetivo compreender e refletir sobre a importância da extensão universitária na formação de docentes, além de descrever as ações de extensão que foram desenvolvidas no projeto de extensão “Espaço de Experiências do Humaniza Bosque Carlos Belarmino – HBCB”. Assim, foi realizada uma pesquisa exploratória e participativa, com abordagem qualitativa, em que por meio de questionários analisou-se como foi o ensino básico e as aulas na graduação dos extensionistas, bem como a utilização dos procedimentos metodológicos dos docentes de Geografia, com o intuito de identificar o mérito das ações de extensão realizadas e sua contribuição para a construção do ser docente dos alunos da extensão. À vista disso, se verificou a partir da descrição das ações desenvolvidas na extensão, o quanto a socialização de técnicas e práticas que buscam dinamizar e ludificar o ensino-aprendizagem dos alunos, contribuiu de maneira significativa para a construção do ser professor reflexivo dos graduandos. Além disso, a partir do preenchimento do questionário sobre o ensino, pode-se constatar que os extensionistas tiveram o ensino básico com aulas tradicionais expositivas, enquanto as aulas no ensino superior foram mais dinâmicas e diversificadas, apesar de uma parte dos professores serem mais teóricos. Logo, a partir de toda análise se confirmou o mérito das práticas de extensão para com a formação de professores de Geografia mais preparados. Assim como, na avaliação do projeto de extensão ora analisado, houve um reconhecimento das ações de extensão realizadas, as quais foram de grande valia para a formação dos graduandos da UEPB – Campus III, uma vez que o compartilhamento de diferentes técnicas, usando diferentes recursos se tornaram atualmente, grandes aliadas na formação dos estudantes de licenciatura.

Palavras-Chave: Geografia. Extensão. Formação. Professores.

ABSTRACT

Considering that university extension is important for initial teacher education because it seeks to make students become more qualified and qualified professionals, this research addresses the university extension in the training of Geography teachers. Em que, tem como objetivo compreender e refletir sobre a importância da extensão universitária na formação de docentes, in addition to describing the extension actions that were developed in the extension project "Space of Experiences of Humaniza Bosque Carlos Belarmino – HBCB". Thus, an exploratory and participatory research was carried out, com abordagem qualitativa, in which, through questionnaires, it was analyzed how was the basic education and the classes in the graduation of the extensionists, as well as the use of the methodological procedures of Geography teachers, in order to identify the merit of the extension actions carried out and their contribution to the construction of the teaching of extension students. In view of this, it was verified from the description of the actions developed in the extension, how much the socialization of techniques and practices that seek to dynamize and cheat the teaching-learning of students, contributed significantly to the construction of being a reflective teacher of undergraduates. In addition, from the completion of the questionnaire on teaching, it can be seen that the extension workers had the basic education with traditional expository classes, while classes in higher education were more dynamic and diverse, although some of the teachers are more theoretical. Therefore, from all the analysis was confirmed the merit of the extension practices for the training of more prepared Geography teachers. As well as, in the evaluation of the extension project analyzed here, there was a recognition of the extension actions carried out, which were of great value for the training of the undergraduate students of UEPB – Campus III, since the sharing of different techniques, using different features have become currently, great allies in the training of undergraduate students.

Keywords: Geography. Extension. Training. Teachers.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 –	Passeio pelos espaços existentes da universidade-UEPB-Campus III.....	32
Figura 2 –	Ficha do circuito desenvolvido.....	33
Figura 3 –	Garrafas distribuídas.....	33
Figura 4 –	Extensionistas participando da atividade.....	34
Figura 5 –	Extensionistas participando da atividade.....	34
Figura 6 –	Imagem aérea da UEPB/CH Campus III e como os pontos estavam distribuídos de maneira distintas.....	35
Figura 7 –	Alunos da extensão participando da atividade com mapas.....	36
Figura 8 –	Alunos da extensão participando da atividade com mapas.....	36
Figura 9 –	Participantes observando as fotos dos problemas ambientais.....	37
Figura 10 –	Participantes observando as fotos dos problemas ambientais.....	37
Figura 11 –	Alunos procurando um problema ambiental dentro da UEPB.....	38
Figura 12 –	Alunos procurando um problema ambiental dentro da UEPB.....	38
Figura 13 –	Esquema de quadros desenhados para a dinâmica.....	39
Figura 14 –	Esquema de quadros desenhados para a dinâmica.....	39
Figura 15 –	Técnica sendo compartilhada com os alunos da extensão.....	39
Figura 16 –	Técnica sendo compartilhada com os alunos da extensão.....	39
Figura 17 –	Saindo da UEPB-Campus III com sentido ao centro de Guarabira/PB.....	41
Figura 18 –	Saindo da UEPB-Campus III com sentido ao centro de Guarabira/PB.....	41
Figura 19 –	Conhecendo vários pontos da cidade de Guarabira/PB.....	41
Figura 20 –	Conhecendo vários pontos da cidade de Guarabira/PB.....	41
Figura 21 –	Conhecendo vários pontos da cidade de Guarabira/PB.....	41
Figura 22 –	Recursos didáticos utilizados na extensão sobre Hidrogeografia.....	43
Figura 23 –	Recursos didáticos utilizados na extensão sobre Hidrogeografia.....	43
Figura 24 –	Construindo uma bacia hidrográfica no espaço da UEPB.....	43
Figura 25 –	Construindo uma bacia hidrográfica no espaço da UEPB.....	43
Figura 26 –	Formas de relevo construídas pelos participantes da extensão.....	44
Figura 27 -	Trabalhando de forma dinâmica com solo.....	45

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Faixa Etária dos participantes do Curso de Extensão.....	47
Gráfico 2 – Municípios e a quantidade de participantes de cada cidade.....	48
Gráfico 3 – Onde os alunos da extensão residem (Cidade ou Campo)	48
Gráfico 4 – Curso superior dos participantes da extensão.....	54
Gráfico 5 – Período cursando dos alunos da extensão.....	54
Gráfico 6 – Expectativas dos alunos da Extensão em relação ao curso.....	61
Gráfico 7 – Recomendação do curso de extensão.....	64

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1- Ações extensionistas desenvolvidas e temas trabalhados.....	30
---	----

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 –	Avaliação dos alunos da extensão sobre o ensino básico.....	50
Tabela 2 –	Avaliação sobre as aulas de Geografia (eram dinâmicas, lúdicas e prazerosas)	50
Tabela 3 –	Didática dos professores de Geografia do Ensino Básico.....	51
Tabela 4 –	Principais Recursos Didáticos utilizados pelos professores de Geografia do ensino básico dos extensionistas.....	52
Tabela 5 –	Avaliação da estrutura física da universidade- UEPB -Campus III.....	55
Tabela 6 –	Avaliação do curso superior dos participantes da extensão.....	56
Tabela 7 –	Metodologias utilizadas pelos professores do curso superior dos alunos do Curso da Extensão.....	56
Tabela 8 –	Recursos- Materiais- Didáticos utilizados nas aulas do ensino superior.....	58
Tabela 9 –	Avaliação dos conteúdos desenvolvidos na extensão.....	62
Tabela 10	Uso dos recursos-materiais- didáticos na extensão.....	63

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

FORPROEX	Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Instituições Públicas de Educação Superior Brasileiras
HCBC	Humaniza Bosque Carlos Belarmino
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
PDI	Plano de Desenvolvimento
PNE	Plano Nacional de Educação
PROEX	Programa de Concessão de bolsas de Extensão da Pró-reitora de Extensão
UEPB	Universidade Estadual da Paraíba

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	13
2	REFERENCIAL TEÓRICO.....	16
2.1	SURGIMENTO DAS ATIVIDADES DE EXTENSÃO NO BRASIL.....	16
2.2	EXTENSÃO COMO UM DOS TRIPÉS DA UNIVERSIDADE E A INDISSOCIABILIDADE.....	20
2.3	A IMPORTÂNCIA DA EXTENSÃO PARA A FORMAÇÃO DE PROFESSORES.....	22
3	METODOLOGIA	27
4	RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	29
4.1	PROJETO DE EXTENSÃO “ESPAÇO DE EXPERIÊNCIAS NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES NO HUMANIZA BOSQUE CARLOS BELARMINO” (HCBC).....	29
4.2	PRÁTICAS E TEMÁTICAS DESENVOLVIDAS NOS ENCONTROS DO CURSO DE EXTENSÃO.....	31
4.3	ANÁLISE DOS DADOS DOS PARTICIPANTES.....	47
4.3.1	<i>Sobre os alunos participantes do curso de extensão do Humaniza Bosque Carlos Belarmino- HCBC.....</i>	<i>47</i>
4.3.2	<i>O ensino básico e os professores de geografia dos extensionistas.....</i>	<i>49</i>
4.3.3	<i>Sobre o curso superior e a universidade dos participantes do curso de extensão.....</i>	<i>53</i>
4.4	AVALIAÇÃO DOS EXTENSIONISTAS SOBRE AS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS NA EXTENSÃO.....	60
5	CONCLUSÃO.....	67
	REFERÊNCIAS	69
	APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO AVALIATIVO.....	75

1 INTRODUÇÃO

A contemporaneidade exige que o docente aja de forma criativa, dialógica e, principalmente, de maneira a buscar quebrar as barreiras do tradicionalismo enfadonho de repassar os conteúdos para os alunos, como se eles fossem apenas receptáculos. Com isso, Cavalcanti (2002) afirma que é necessário ultrapassar a concepção antiga de que para ser docente basta aprender e dominar os conteúdos, mas que é preciso que se busque construir e reconstruir os conhecimentos de modo que faça sentido, que tenha significado para a vida dos educandos, sendo essencial saber qual a finalidade social da Geografia Escolar.

Então, para que aconteça essas mudanças na forma do professor trabalhar, Vidal e Alves (2020) reiteram que é impreterível que os futuros educadores colaborem com a formação social, partindo do que aprenderam no curso de graduação. Sendo, imprescindível ressaltar que as práticas extensionistas fortalecem esse aprendizado, visto que, nos espaços escolares e não escolares, a educação tem função crucial na propagação dos conhecimentos, contribuindo na compreensão sobre a cidadania e os direitos.

Logo, a extensão universitária possui papel primordial para a formação de professores, assim como é importante para sustentação do tripé que é responsável por formar a universidade pública brasileira, em que pesquisa, ensino e extensão estão juntas, indissociavelmente, como determina o art. 207 da Constituição da República Federativa do Brasil (BRASIL, 2016). No qual a extensão, em outrora era tida como prestação de serviços ou assistência aos desfavorecidos, porém com a criação e o desenvolvimento do Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Instituições Públicas de Educação Superior Brasileiras (FORPROEX), passou a proporcionar relações entre a universidade e a sociedade, fazendo com que as atividades de extensão pudessem ajudar a transformar essa relação, de maneira cooperante para com as comunidades e vice-versa.

Assim, a participação dos acadêmicos dos cursos de licenciatura em projetos de extensão colabora na formação dos saberes dos professores, viabilizando alcançar um conhecimento mais desenvolvido no tocante das circunstâncias em que exerce a profissão docente e serve de base para suas ações pedagógicas. Por isso, no decorrer da graduação, os universitários que participam dos projetos de extensão desfrutam de possibilidades a mais de inserção da realidade que, futuramente, quando se tornarem docentes encontrarão cotidianamente (CASTRO, 2009).

Desse modo, a extensão na atualidade é indispensável na formação de professores, uma vez que busca fazer com que os estudantes se tornem profissionais qualificados e capacitados,

capazes de refletirem sobre suas ações metodológicas e as modificarem quando necessário. Posto isso, Saviani (2007, p. 154) declara que a vivência partindo dessa percepção é um “verdadeiro processo de aprendizagem”, por meio do qual o indivíduo confirma ou questiona determinados saberes e assuntos para o futuro, dando continuação ao processo de formação do sujeito e no caso da extensão, do ser docente.

Portanto, considerando as dificuldades da modernidade, é preciso destacar o dever da educação e do educador. Por esse motivo, sendo plausível a grande relevância dos programas de formação de professores que apreciem, dentre outras coisas, a gênese de espaços de formação distintas, que gerem possibilidades e oportunidades de vivências e experiências entre os profissionais de uma mesma área (PANNUTI, 2015).

Além disso, o tema da extensão universitária tomou lugar de grandes discussões e reflexões, que ao buscar analisarmos, nos deparamos com alguns questionamentos sobre a sua importância para a formação de professores. A qual, se torna fundamental analisar, discutir e refletir sobre: Como surgiu a extensão no Brasil? Como eram realizadas as ações extensionistas anteriormente? Quais foram as mudanças que ocorreram desde a implantação dela no país? Como a extensão é tida atualmente na universidade? Será que a extensão universitária ocupa papel de grande importância para os conhecimentos acadêmicos? Portanto, é necessário buscar compreender essas questões relacionadas a extensão universitária.

Dessa forma, o presente trabalho está fundamentado no desenvolvimento do curso de extensão realizado pelo Projeto de Extensão “Espaço de Experiências do Humaniza Bosque Carlos Belarmino (HCBC)” que possibilitou a socialização e o compartilhamento de diferentes técnicas de ensino, assim como a utilização dos espaços livres da universidade e do uso de variados recursos-materiais-didáticos que trouxeram mais dinamicidade para o ensino e a aprendizagem dos extensionistas e buscaram contribuir para a formação do ser professor destes alunos.

Ademais, o projeto foi realizado com alunos da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) - Campus III da cidade de Guarabira-PB. No qual, a autora deste trabalho participou como monitora, podendo então, observar, analisar, ajudar, cooperar e participar dos encontros, que eram realizados quinzenalmente. Desse modo, através desta extensão, buscou-se colaborar de maneira significativa para com a formação dos estudantes de licenciatura da UEPB, alunos de pedagogia, mas especialmente os graduandos do curso de licenciatura em Geografia. Uma vez que, os encontros eram pautados em conteúdos geográficos, no qual procurou-se socializar conhecimentos através de técnicas que pudessem dinamizar, ludificar, simplificar e melhorar o ensino dos conteúdos geográficos escolares.

Dessa maneira, buscamos demonstrar que o ensino da Geografia pode se tornar um estudo prazeroso, se utilizadas as metodologias certas e uma boa didática. Mostrando que com boas estratégias, o professor pode sim, modificar e transformar o ensino meramente tradicional, em um ensino muito mais divertido, dinâmico, prazeroso e mais atrativo.

Por isso, o trabalho aqui presente está pautado, não somente na descrição das atividades que foram realizadas, mas também em uma análise sobre o ensino básico e as aulas do ensino superior dos alunos da extensão, estudada através da aplicação de um questionário, a fim de comprovar se as práticas realizadas durante o curso de extensão contribuíram, de fato, para a construção do ser docente de cada um, assim como também para atestar o tipo de ensino que esses discentes receberam, tanto no ensino básico como no superior.

Portanto, esta pesquisa tem como objetivo compreender e refletir sobre a importância da extensão universitária na formação dos professores e descrever as ações de extensão que foram desenvolvidas. Além de analisar como foi o ensino básico e as aulas na graduação, como também investigar a utilização dos procedimentos metodológicos dos docentes de Geografia de ambas as educações dos extensionistas. Além disso, pretendeu-se identificar o mérito das ações de extensão e sua contribuição para a construção do ser docente e para a formação dos extensionistas.

Partindo disso, o primeiro capítulo do trabalho se refere a introdução. O segundo capítulo se remete ao referencial teórico, no qual se aborda sobre como surgiu a extensão universitária no Brasil, a extensão como um dos tripés que formam a universidade e a importância da extensão para a formação de professores. Enquanto na terceira parte trazemos a metodologia da pesquisa.

Já no quarto capítulo foi feita a descrição das atividades de extensão que foram desenvolvidas durante o curso de extensão realizado, assim como a análise feita através da aplicação do questionário avaliativo, em que esta parte se refere a análise dos dados dos participantes da extensão, a análise e a discussão sobre o ensino básico e os professores de Geografia, como também uma análise do curso superior e da universidade dos participantes. Além de trazer os resultados e discussão de como os extensionistas avaliaram o curso de extensão e as atividades que foram desenvolvidas a partir do mesmo. Por fim, no quinto capítulo tem-se a conclusão.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Nesta parte da pesquisa, buscaremos apresentar sobre como a extensão universitária foi implantada no Brasil e se transformou em um dos elementos formadores da universidade, ou seja, como passou a ser um dos tripés da universidade a partir do princípio da indissociabilidade, assim como enfatizar a sua importância na formação de professores, principalmente, no que diz respeito a formação inicial dos docentes de Geografia.

2.1 SURGIMENTO DAS ATIVIDADES DE EXTENSÃO NO BRASIL

Segundo Nogueira (2005), a extensão universitária no Brasil teve início no ano de 1911, na Universidade Popular¹, a antepassada da Universidade de São Paulo, adotando o mesmo modelo de extensão que havia surgido nas universidades europeias ainda no século XIX, embasada na proposta de cursos, dos quais não se encontravam dentro das universidades. Tendo esses cursos, uma visão pensada na própria universidade, sem pensar nos interesses da sociedade e muito menos do que elas precisavam, ou seja, não havia relação recíproca entre universidade e população.

Ainda segundo o autor supracitado, na década de 1920 foi implantado o modelo americano de extensão universitária no Brasil. Em que, algumas universidades começavam a prestar serviços de assistência técnica a agricultores. Então, esses modelos de extensão da oferta de cursos e da prestação de serviços eram nessa época o que se tinha como as ações de extensão no Brasil. Era evidente que as práticas se fundamentavam em uma perspectiva assistencialista com a sugestão de resultados rápidos, com soluções de curto e médio prazo, que manavam da universidade para a comunidade, sem que houvesse nenhuma discussão das soluções, nem das necessidades com a população que procuravam atender.

Essas primárias iniciativas de extensão não obtiveram sucesso, dado que as conferências ocorridas para a população explanavam assuntos políticos, sociais e econômicos com pouquíssimas discussões. Os conteúdos se referenciavam a pautas muito específicas referentes em suas áreas, e a maior parte do público era composto por trabalhadores rurais e analfabetos. Assim, esse processo aumentou a distância entre a comunidade e as primeiras práticas de extensão (DE PAULA, 2013). Na opinião de Melo Neto (2001) na influência do modelo de

¹ A Universidade Popular é um tipo de instituição que foi criada para o ensino de adultos e pessoas de limitada condição de acesso ao ensino primário, secundário e superior, tanto por questões financeiras, como por motivos pessoais ou ainda devido à distância a maiores centros de ensino superior.

extensão europeia, se sobressaia os fortes traços do assistencialismo, enquanto o modelo extensionista norte-americana demonstrava fortes traços de prestação de serviço.

Colaborando com isso, Síveres *et. al.* (2009) afirma que a proposta introdutória da extensão universitária no Brasil foi a promoção de conferências, cursos e semanas abertas de estudos, no qual esses modelos de extensão foram feitos pelas elites e para eles mesmos, onde o ensino, a pesquisa e as questões políticas eram totalmente dissociadas umas das outras.

Conforme documento procedente do Fórum Nacional de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras, os primeiros registros a respeito das ações extensionistas no Brasil são datados do ano de 1931, no Estatuto Da Universidade Brasileira no Decreto de Lei nº18.851 (FORPROEX, 2007). Após essa época, não houve nas duas décadas seguintes qualquer menção sobre a finalidade da extensão em qualquer ato legal apresentado no Ministério da Educação.

O assunto só foi reavido em termos lícitos em 1961, com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), que indicava no seu artigo 69, uma breve alusão de extensão como sendo um composto de praxes que as universidades deveriam realizar no formato de cursos, aperfeiçoamentos e especializações (BRASIL, 1961). Ainda contribuindo com isto, a FORPROEX (2007) afirma que este registro em 1961 da LDB, Lei nº 4.024, recomendava práticas que envolvessem traços de transmissão do conhecimento e assistência. Ademais, desde 1968 por causa da Lei nº 5.540, ficou indicado que todas as organizações de ensino superior, assim como as universidades, deveriam passar a proporcionar práticas de extensão em forma de cursos e serviços abertos com características voltadas para atender a comunidade.

De acordo com Sousa (2010), até a década de 1980 as extensões universitárias apresentaram muito pouco ou quase nenhum crescimento, isso não só no Brasil como em outros países, apesar de terem surgido algumas manifestações defendendo-as por vezes, feitas por acadêmicos. Nesse período, a extensão universitária ficou estagnada, sem avanços consideráveis.

O desempenho para retomar a sua importância veio a partir de 1980, a qual sucedeu, principalmente, pelo fato da ocorrência da crise universitária em suas condições de financiamentos que passaram a diminuir em vários países, e de uma crise de legitimidade descrita pela indagação do isolamento acadêmico (LYNTON, 1983; ROPER; HIRTH, 2005; SOUZA SANTOS, 2010). A partir disso, a extensão passou a ser considerada estratégia para justificar a entrada de maiores investimentos nas universidades, e coincidentemente, passando a propiciar a validação do saber universitário nas questões sociais.

Contribuindo ainda com informações sobre a extensão universitária a partir de 1980, Marinho *et. Al.* (2019, p.127) afirma que:

Somente com a redemocratização e ampliação dos movimentos sociais na América Latina nos anos de 1980 as comunidades universitárias, constituídas por associações de docentes e técnicos e, novamente, dos movimentos estudantis, passaram a debater e se manifestar no sentido de promover maior atuação das universidades junto aos diferentes contextos e realidades sociais.

Assim, fica evidente que a extensão universitária só começou a ter avanços quando a comunidade acadêmica se manifestou sobre sua importância e agiram com os movimentos e os protestos, como também a diminuição dos financiamentos para as universidades, que enxergou a extensão como possibilidade de alcançar mais investimentos para melhorar o ensino, a pesquisa e, conseqüentemente, a extensão, até então dissociadas.

A partir disso, era preciso que fosse criado no Brasil um órgão representante que permitisse e ajudasse na comunicação para a construção de uma política de extensão, sendo originado no ano de 1987, o Fórum Nacional de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras – FORPROEX. Na qual, nascia uma instituição direcionada para a articulação e caracterização de políticas acadêmicas de extensão, comprometida com as mudanças da sociedade para que os indivíduos tivessem total uso da sua cidadania, assim fortalecendo a democracia brasileira (FORPROEX, 2016). Ainda conforme Gadotti (2017, p. 2):

A criação do Fórum Nacional de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras - hoje “Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Instituições de Educação Superior Públicas Brasileiras” - o FORPROEX, em novembro de 1987, foi decisivo para o avanço que se deu a seguir. Para o FORPROEX a Extensão Universitária foi entendida como um processo educativo, cultural e científico que articula o Ensino e a Pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre Universidade e Sociedade. Para o FORPROEX, A Extensão Universitária é "uma via de mão-dupla" entre Universidade e sociedade. O saber acadêmico e o saber popular se reencontravam.

Ainda segundo (Ibidem, p. 2) depois da criação da FORPROEX em 1987, veio a Constituição de 1988 que foi responsável por consagrar o princípio da “indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão” (Artigo 207) e a LDB de 1996 (Lei nº 9.394/96) que estabeleceu a extensão universitária como um dos objetivos da universidade (Artigo 43). Sendo assim, as alterações da extensão universitária um instrumento de mudança social e da própria universidade, um caminho de progresso e alcance de outros direitos e de defesa da democracia.

Por conseguinte, de acordo com a FORPROEX (2001, p. 29):

Em 1999, foi a vez do Fórum Nacional de Extensão e Ação Comunitária das Universidades e Instituições de Ensino Superior Comunitárias. Em 2003, foi criado o Fórum de Extensão das IES particulares. A partir do primeiro fórum das IES públicas, ficou expressa a necessidade de uma intervenção da Universidade na sociedade onde

se insere, tendo o fórum definido que a extensão “[...] viabiliza a relação transformadora entre universidade e sociedade”.

Outrossim, segundo Kochhann (2017, p. 556), houve ainda mais avanços com relação a extensão e a mesma nos currículos, na qual ele traz que:

Em 2001, o Plano Nacional de Extensão Universitária, lançado sob a Lei n. 10.172, propôs que 10 % dos créditos exigidos nos cursos de graduação fossem obrigatoriamente cumpridos em ações extensionistas. Em 2002, de 09 a 11 de novembro, na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), aconteceu o I Congresso Brasileiro de Extensão Universitária (CBEU), com o tema “Universidade: conhecimentos e inclusão social”, socializando as experiências, metodologias, resultados e reflexões sobre a extensão universitária. A partir dessas discussões, o Governo Federal, retomou o PROEXTE - Programa de Fomento à Extensão Universitária, como incentivo financeiro para a extensão universitária, agora em 2003 como PROEXT - Programa de Extensão Universitária, em vigência até o momento.

Destarte, o Plano Nacional de Educação (PNE) 2014-2024, entendendo a magnitude dos projetos e programas de extensão universitária, determinou como estratégia que fosse garantido pelo menos 10% dos créditos curriculares totais que são exigidos para a graduação nesses programas e projetos de extensão, instruindo seu exercício para áreas, principalmente, de maior relevância social, na estratégia 12.7 do referido plano (BRASIL, 2014,). Decorrente a isto, outro marco relevante foi a Política Nacional de Extensão Universitária, divulgada pela FORPROEX (2012, p. 4), que efetiva o comprometimento das universidades assinantes serem doravante a extensão como “um instrumento de mudanças sociais em direção a justiça, a solidariedade e a democracia”.

Assim, em 2018 foi publicada a Resolução nº 7, de 18 de dezembro de 2018, a qual se trata de buscar regulamentar o colocado na estratégia 12.7 da meta do PNE 2014 e determinar as Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira (BRASIL. 2018). Ainda de acordo com Vasconcelos (2018) estas normas delineiam as definições, orientações e princípios para a extensão universitária em todas as organizações educacionais superiores do país, englobando as instituições privadas, públicas e comunitárias, além de determinar critérios para a programação, registro e avaliação das práticas de extensão.

Neste sentido, podemos destacar a evolução da extensão universitária, a qual passou por muitas mudanças, que trouxeram e abriram novas oportunidades de práticas que, realmente, são relevantes para a comunidade e para a universidade, se tornando um dos tripés indissociáveis da universidade, que fomenta o conhecimento baseado nas experiências e nas realidades vividas.

2.2 EXTENSÃO COMO UM DOS TRIPÉS DA UNIVERSIDADE E A INDISSOCIABILIDADE

É explícito que o século XX foi dotado de mudanças na sociedade, na qual as instituições de ensino superior passaram a discorrer acerca de que modo poderiam expandir seu desempenho e atividades com a prestação de serviços, de maneira a responder as necessidades da população. Além do mais, na América Latina a extensão se originou em circunstâncias onde a universidade se encontrava submetida a responder as demandas sociais (SOUSA, 2001; DE PAULA, 2013).

Por isso, é importante ressaltar que o tripé de ensino formado por pesquisa, ensino e extensão constituem o eixo estrutural do sistema educacional implantado em todas as universidades brasileiras pela Constituição Federal de 1988 em seu artigo 207 (BRASIL, 1988). Assim, sua proteção legal estabelecida na universidade, disposta pela lei maior do Brasil, que traz que “As universidades gozam de autonomia didático-científica, administrativa e de gestão financeira e patrimonial, e obedecerão ao princípio de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão” (BRASIL, 2002, p. 123), uma mudança necessária e importantíssima.

Já a LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação de 1996, ainda que não defina ensino, pesquisa e extensão, apresenta como as universidades precisam atestar a efetividade deste tripé, sobretudo no artigo XX, nos incisos III, IV e VII os quais indicam:

- III - incentivar o trabalho de pesquisa e investigação científica, visando o desenvolvimento da ciência e da tecnologia e da criação e difusão da cultura, e, desse modo, desenvolver o entendimento do homem e do meio em que vive;
- IV - Promover a divulgação de conhecimentos culturais, científicos e técnicos que constituem patrimônio da humanidade e comunicar o saber através do ensino, de publicações ou de outras formas de comunicação; [...]
- VII - promover a extensão, aberta à participação da população, visando à difusão das conquistas e benefícios resultantes da criação cultural e da pesquisa científica e tecnológica geradas na instituição.

Logo, segundo Tauchen (2009) a definição de indissociabilidade está ligada a alguma coisa/algo que não existe sem a outra, isto é, o todo deixa de estar completo quando se dissocia. Portanto, modificando as noções de ensino, pesquisa e extensão quando são ignoradas como um conjunto que forma o tripé da educação. Com isso, Gadotti (2017) afirma que a extensão é um método que proporciona a comunicação dos saberes científicos e comuns.

Em vista disso, a extensão universitária é tida como práticas da universidade em conjunto com à comunidade externa, que possibilita dividir com a população, entendimentos obtidos com o ensino e a pesquisa elaborados na academia, sob a resolução constitucional da

indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. Além do mais, trata-se de um meio multidisciplinar, educativo, cultural, científico e político que estimula o convívio transformador entre universidade e outros setores da comunidade (NOGUEIRA, 2007).

Sendo assim, a universidade segundo Belo (2022, p. 68) tem grande responsabilidade em formar cidadãos conscientes de suas realidades, tendo ainda como um dos objetivos fazer a aproximação da universidade com a comunidade para que ocorram as mudanças necessárias. A qual ressalta que:

A Universidade como instituição social que é, responsável por formar cidadãos aptos ao mercado de trabalho com pensamento crítico, que é lugar da pluralidade, da diversidade e lugar onde se promove inovações acompanhadas das transformações que acontecem na dinâmica econômica, política e social nos quatro cantos do mundo, deve acompanhar as demandas necessárias para o bem-estar da sociedade em geral. Em linhas gerais, as mudanças promovidas pelas universidades afetam as relações interpessoais e as relações comerciais. E na universidade brasileira, o tripé da educação conhecido como ensino, pesquisa e extensão promovem essa aproximação da universidade com a sociedade (BELO, 2022, p. 68).

Ainda conforme Belo (2022), a finalidade da extensão universitária no panorama educacional superior é de grande destaque, levando em consideração que a mesma possibilita pontos de vista distintos sobre a sociedade dentro da universidade, que ampliam a construção dos saberes mediante as relações de trocas mútuas, entre as instituições de ensino superior e as comunidades.

Outro autor que reforça a importância da extensão universitária é Santos Júnior, (2013, p. 36), que afirma que:

A extensão universitária é produtora de um conhecimento resultante das experiências nas quais os sujeitos se revezam nos papéis de autores e coautores de autonomia e interdependência e, quando são construídas numa relação dialógica, outros conhecimentos nascem a partir do entrelaçamento de visões de mundo semelhantes ou diferentes.

Ainda complementando para com isso, Silva (2016, p.38) reitera que:

É por meio da compreensão de que a Universidade se insere em um território que apresenta problemas sociais diversos de outros, que o tripé formado por Ensino, Pesquisa e Extensão pode atuar sobre essa realidade e responder aos problemas que o diálogo com os diversos segmentos da sociedade lhe permitirão identificar.

Para mais, a orientação de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, alega a extensão universitária como sendo o processo que determina que ela necessita encontrar-se vinculada a construção e ao desenvolvimento dos saberes, em que é firmada com base na participação protagonizada pelos alunos. Assim, a FORPROEX (2007) salienta que nesse processo, a flexibilização e a curricularização é primordial.

Além do mais, a FORPROEX (2007) exprime que a interdisciplinaridade tem de guiar as práticas extensionistas, onde conforme a mesma, é traçada na comunicação entre os modelos e as concepções integrantes. Desta maneira, se pode assegurar que a extensão combinada com o ensino e a pesquisa é capaz de proporcionar uma formação técnica e profissional, associada a formação cidadã, política e pessoal que ultrapassa a simples formação dos educandos (ALVARENGA *et. al.*, 2015).

Desse modo, na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) a extensão faz parte da associação entre as atividades que formam a incumbência do instituto, no qual segundo escrito no Plano de Desenvolvimento –PDI (2014-2022), a tarefa da UEPB é produzir, socializar e aplicar o conhecimento, diplomando profissionais que sejam capacitados, críticos e profundamente envolvidos nas mais distintas áreas do conhecimento, através das ações do ensino, pesquisa e extensão, de maneira a ajudar no avanço da educação e sociocultural do país, principalmente no que diz respeito ao Estado da Paraíba (PDI-UEPB, 2014).

Desta forma, destaca-se a grande importância da extensão universitária como um dos tripés da universidade, em que segundo Rocha (2007 *apud* SILVA 2011, p. 2) declaram que:

A relação da universidade com a comunidade se fortalece pela Extensão Universitária, ao proporcionar diálogo entre as partes e a possibilidade de desenvolver ações socioeducativas que priorizam a superação das condições de desigualdade e exclusão ainda existentes. E, na medida em que socializa e disponibiliza seu conhecimento, tem a oportunidade de exercer e efetivar o compromisso com a melhoria da qualidade de vida dos cidadãos.

Além do mais, segundo a FORPROEX (2012, p.1):

A extensão universitária pode contribuir na formulação e desenvolvimento de políticas através de sua ação e reflexão nos espaços sociais e particularmente em âmbito acadêmico, articulando-se com o Ensino e a Pesquisa, coerente com o princípio da indissociabilidade, facilitando a interação e o diálogo com as organizações da sociedade civil com vistas ao fortalecimento do compromisso social da Universidade.

Nesta perspectiva, torna-se primordial pensar e discutir a Extensão Universitária como um dos tripés que formam a base da universidade, no qual ensino, pesquisa e extensão estão totalmente ligados. Em que, comunidade e universidade cooperam uma com a outra através dos conhecimentos das realidades existentes. Sendo, indispensável essa troca de experiências entre as duas para a formação do valioso tripé universitário (ensino, pesquisa e extensão).

2.3 A IMPORTÂNCIA DA EXTENSÃO PARA A FORMAÇÃO DE PROFESSORES

A extensão universitária tem um papel fundamental para a universidade e na comunidade, assim como é um diferencial na formação de professores. Em que, para Domingui *et. al.*, (2013, p. 03), a extensão universitária é:

Uma forma de interação que deve existir entre a universidade e a comunidade na qual está inserida, numa espécie de ponte permanente entre a universidade e os diversos setores da sociedade. Funciona como uma via de duas mãos, em que a universidade leva conhecimentos e/ou assistência à comunidade e dela recebe influxos positivos como retroalimentação, tais como suas reais necessidades, seus anseios, aspirações e aprendendo com o saber dessas comunidades.

A partir disso, as práticas vivenciadas nas extensões universitárias têm grande potencial para incentivar os alunos no percurso do aprendizado na etapa de sua formação inicial, por oportunizar essas trocas de conhecimento entre a população e a universidade (MARTINS, 2012). Além do mais, segundo Kochhann e Curado Silva (2017) as atividades de extensão se exprimem na realidade existente, onde há docentes que montam suas ações levando em conta a teoria do conhecimento, e outros que organizam considerando a práxis.

Por conseguinte, todos esses procedimentos são capazes de colaborar no desenvolvimento de distintas habilidades para tratar das mais variadas situações, cooperando para a capacitação futura dos estudantes em suas vidas profissionais. Contribuindo para com isso, Freire (2020) discorre acerca da associação da teoria com a prática, alegando que a combinação delas é necessária e se torna fundamental, dado que apenas a teoria é verbalismo e a prática somente ativismo, ou seja, o conhecimento e a prática precisam estar juntos. Pois, unidas permitem o ensino e a aprendizagem, promovendo assim, a efetiva práxis, por meio de pesquisas, análises e reflexões que auxiliam em uma maior qualificação da formação do universitário.

Ademais, Freire (2006) declara que refletir a extensão universitária é constituir uma ligação entre a comunidade e a universidade, a fim de conceder que o aluno possa ser agente de seu próprio entendimento, tal como ser agente transformador da realidade em que vive. Para mais, a extensão oportuniza a academia saberes desvelados e sobretudo confiáveis, que orientarão na construção de conhecimentos voltados para a superação das desigualdades sociais.

Consequentemente, todas as ações acabam sendo capazes de suceder no avanço de habilidades para tratar das mais distintas situações, contribuindo para a formação de futuros profissionais. Portanto, segundo Santos (2001, p. 72) “aprender é um processo que acontece com o aluno e do qual o aluno é o agente essencial”. Por essa razão, se torna imprescindível que o futuro docente entenda esse processo, para perceber a sua função como professor, que é

ser mediador e facilitador da aprendizagem, e não, um mero transmissor de conhecimento. Logo, é necessário que o educador entenda que o seu papel, é auxiliar os alunos de modo a fazê-los compreenderem a realidade vivida, e não apenas repassar conteúdo.

Nessa perspectiva, segundo Vidal e Alves (2020) os professores que se formarão devem cooperar para com a formação da sociedade, com base no que se aprendeu na graduação. No qual, é importante deixar claro que as práticas extensionistas reforçam essa finalidade, visto que os espaços da escola, como também os fora da mesma e a educação, possuem grande compromisso e importância na dissipação dos saberes, contribuindo para compreensão no que concerne à cidadania e aos direitos.

De acordo com Alarcão (2005) o educador tem de ser um prático e um teórico da sua prática, em que a reflexão acerca da sua forma de ensinar é o ponto inicial para romper as ações cotidianas, assim como possibilitar o exame das suas escolhas para cada circunstância e fortalecer a sua autonomia frente as noções presentes nas mais diferentes ocorrências.

Ainda segundo a autora, o professor reflexivo de suas práticas, consegue muitas vezes, fazer com que os educandos também se tornem reflexivos, por intermédio de sugestões de atividades que foram realizadas em aula, por causa da forma como foram propagadas, além da maneira de avaliar e refletir acerca das práticas que foram desenvolvidas.

Logo, as ações de extensão contribuem de forma significativa para com a formação de professores. Na qual, a FORPROEX (2012, p. 34) alega que:

As atividades de Extensão Universitária constituem aportes decisivos à formação do estudante, seja pela ampliação do universo de referência que ensinam, seja pelo contato direto com as grandes questões contemporâneas que possibilitam. Esses resultados permitem o enriquecimento da experiência discente em termos teóricos e metodológicos, ao mesmo tempo em que abrem espaços para reafirmação e materialização dos compromissos éticos e solidários da universidade pública brasileira.

Ainda contribuindo com isso, a autora Sandra de Fatima Batista de Deus (2020, p. 42) afirma que:

A vivência e experiência na Extensão Universitária possibilita ao estudante, reavaliar os caminhos que seguirá tanto no seu curso — onde a forma de produzir academicamente possibilita criar excelentes trabalhos e não só objetiva, como também foca na área específica de conhecimento que resolve seguir — quanto nessa vivência, que fornece a oportunidade de se relacionar com a comunidade acadêmica de uma maneira mais ampla e aprofundada.

Para mais, a extensão universitária dá a oportunidade aos acadêmicos de vivenciarem o que aprenderam nas instituições de ensino e como esses conhecimentos podem ser aplicados

dentro da sociedade, fazendo-os terem essa aproximação das suas práticas profissionais futuras. Em que, segundo Fernandes *et. al.*, (2012, p. 3):

Parte-se do princípio de que a formação do acadêmico é tomada como fundamento do processo educativo implementado na universidade, uma vez que contribuirá para sua compreensão como ser socialmente responsável e livre, capaz de refletir sobre o vivido e o aprendido em sala de aula e outros espaços, como na comunidade, que vão construindo cotidianamente sua identidade pessoal e profissional alicerçadas na busca do saber ser, saber fazer e saber aprender, ou seja, na formação de suas competências.

Seguindo essa lógica, o papel da universidade é preparar os estudantes, tanto na teoria, como também metodologicamente, buscando deixá-los capacitados para reconhecerem as distintas manifestações que estão presentes no dia-a-dia de suas práticas profissionais, buscando dar todo suporte preciso para que esses profissionais, futuramente a começar de uma visão crítica, expliquem a realidade tangível e construam práticas criativas que caminhe até as factuais necessidades e desejos da população (SANTOS, 2014).

Com isso, segundo Diemer (2019) a extensão universitária coopera para a formação técnico-científica dos graduandos e realiza os objetivos das academias de ampliar os saberes que produzem para a comunidade, assim como tem o papel de insistir em um aprendizado significativo para a humanidade, que envolva o desenvolvimento das habilidades pessoais, interpessoais e de mudanças na sociedade. Assim, Freire (2006) afirma que o saber não vai até aqueles que se consideram oniscientes até os que se pressupõem não oniscientes, segundo ele o conhecimento se constrói nas conexões existentes entre o ser humano e o mundo, nas relações de mudanças e é aprimorado nas complexidades que essas relações apresentam.

Á vista disso, Deus (2020, p.41) reitera que:

Os programas que levam estudantes a conviver com comunidades, realizando o que denominamos de “vivências”, são significativos e demonstram bem a prática extensionista, pois os estudantes ficam ansiosos para colocar em prática as suas habilidades. Cada um tem a ânsia em aplicar o seu conhecimento, a sua forma de viver o mundo acadêmico e praticar esse conhecimento na comunidade. Por outro lado, a comunidade também é ansiosa para ensinar, aos estudantes, a sua cultura, a sua forma de viver o mundo a sua volta.

Dessa forma, a extensão universitária é substancial para colaborar na formação de professores, uma vez que as ações desenvolvidas contribuem não só para a sua prática profissional, mas também para sua formação social e humana. No qual, Veiga (2019, p. 54) assegura que:

Programas de iniciação à docência e de extensão podem propiciar a experiência e a oportunidade de desenvolver trabalhos junto às escolas, atuando na formação desse aluno e dos estágios. Assim, ao promover ações efetivas na comunidade, o alunado se volta para as teorias trabalhadas durante a formação, compreendendo de que forma

elas podem ser trabalhadas na prática e colabora para a construção de diferentes entendimentos críticos sobre a realidade.

Além do mais, a extensão universitária é uma aliada para a capacitação e qualificação de professores de Geografia, em que De Sousa (2020, p. 115) afirma que:

É por meio das atividades extensionistas que ocorre a democratização e a difusão dos conhecimentos produzidos na universidade, propiciando uma complementação na formação inicial aos alunos do curso de Geografia. Ademais, é por meio de aplicações dos projetos de extensões que os discentes são levados a aprender e compreender a realidade ao qual estão inseridos.

Portanto, a participação de graduandos e licenciandos de Geografia em programas, cursos ou projetos de extensão, são um diferencial e adicional nas suas formações, visto que ao participar destes, esses alunos acabam por conhecer melhor a realidade da sua profissão e das dificuldades que poderão enfrentar. Assim, as extensões proporcionam possibilidades de melhorar suas práticas metodológicas, e por muitas vezes os levam a refletirem sobre a maneira de ensinar e pensar como ensinar, tornando-os professores críticos e reflexivos de suas ações pedagógicas.

3 METODOLOGIA

O presente trabalho foi desenvolvido com base em uma pesquisa de cunho exploratório com abordagem qualitativa, no qual segundo Gil (2008, p. 27) esse tipo de pesquisa busca especialmente, “desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores”. Ainda conforme Gil (2002) as pesquisas exploratórias têm como finalidade possibilitar uma maior familiaridade com os impasses, pretendendo fazer com que seja compreensível ou que se possa construir hipóteses.

Além disso, essa pesquisa também segue uma abordagem qualitativa, em que Knechtel (2014) diz que essa abordagem tem como principais características evidenciar a natureza socialmente construída a partir da realidade, a relação entre o pesquisador e o objeto de estudo, bem como as qualidades e os processos da experiência social que se cria e adquire relevância. Contudo, a pesquisa qualitativa abordada neste trabalho, tem uma concepção participativa, em que os alunos pesquisadores buscam uma maior familiaridade/aproximação com a realidade analisada. Em que, de acordo com Severino (2007, p. 120) a pesquisa participante:

É aquela em que o pesquisador, para realizar a observação dos fenômenos, compartilha a vivência dos sujeitos pesquisados, participando, de forma sistemática e permanente, ao longo do tempo da pesquisa, das suas atividades. O pesquisador coloca-se numa postura de identificação com os pesquisados. Passa a interagir com eles em todas as situações, acompanhado todas as ações praticadas pelos sujeitos.

Dessa maneira, durante todo o ano de 2022, no desenvolvimento das ações de extensão, foi possível observar a participação de todos os envolvidos de maneira contínua, ou seja, a cada encontro que era realizado quinzenalmente. Sendo permitido monitorar os seus comportamentos a cada tema trabalhado. Além do mais, os registros fotográficos se tornaram indispensáveis para a pesquisa. No qual, pudemos registrar todos os encontros e a participação ativa dos alunos da extensão nas atividades, tendo assim uma dimensão espacial e temporal de tudo que era realizado.

Contudo, para o desenvolvimento desse estudo, foram feitas revisões bibliográficas e documentais, levando em consideração os principais autores e resoluções que tratam acerca da temática, como Nogueira (2005, 2007), Paula (2013), Domingui et al (2013), Síveres et al (2009), Santos Júnior (2013), Silva (2016), Belo (2022), Tauchen (2009), Kochhann e Curado Silva (2017), Sousa (2010), BRASIL. Lei nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961, FORPROEX, Plano de desenvolvimento institucional – PDI 2014 – 2022 da UEPB, Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, entre outros. Como também, encontra-se embasada na

aplicação de um questionário avaliativo sobre o curso de extensão, o ensino de Geografia (no ensino básico e superior) e sobre os professores que os participantes tiveram no ensino básico.

Portanto, esta obra foi baseada nas ações extensionistas desenvolvidas no curso de extensão do Projeto de extensão Espaço de Experiências do Humaniza Bosque Carlos Belarmino (HCBC), do Centro de Humanidades da UEPB – Campus III, Guarabira/PB. O qual, faz parte do Programa Humaniza Bosque Carlos Belarmino e foi realizado no ano letivo de 2022. Em que, participaram do curso de extensão 40 estudantes de licenciatura, no qual 36 alunos eram graduandos de Geografia, e os outros 4 discentes do curso de Pedagogia. Como também, a própria autora desta pesquisa foi monitora bolsista do projeto, tendo participação ativa com relação a todas as atividades que foram desenvolvidas.

É importante ressaltar que as inscrições para o curso de extensão ofertado pelo projeto aqui tratado, foram abertas para a comunidade e para universidade, podendo se inscreverem professores já atuantes e alunos em formação de todos os cursos de licenciatura. Porém, apenas alunos da universidade campus III, Guarabira-PB se inscreveram. Os quais foram os alunos do curso de Pedagogia e Geografia.

Ademais, este trabalho também está firmado nos resultados de um questionário avaliativo (APÊNDICE A) que foi aplicado aos extensionistas ao fim dos encontros. O qual refere-se a extensão e o ensino de Geografia dos alunos. No qual, preencheram no total 27 alunos dos 40, o que condiz com 67,5% dos participantes ao total, sendo este percentual de alunos de Geografia e Pedagogia juntos. Sendo assim, um percentual significativo de avaliação para serem analisados.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesta parte do trabalho, buscamos abordar sobre o Projeto de Extensão Espaço de Experiências do Humaniza Bosque Carlos Belarmino-HCBC”, assim como também, descrever as práticas extensionistas desenvolvidas no projeto através do curso de extensão realizado.

4.1 PROJETO DE EXTENSÃO “ESPAÇO DE EXPERIÊNCIAS NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES NO HUMANIZA BOSQUE CARLOS BELARMINO” (HCBC)

O projeto de extensão foi aprovado pelo Programa de Concessão de bolsas de Extensão da Pró-reitora de Extensão (Proex) da UEPB, no ano de 2022. O projeto foi desenvolvido pelo Prof. Dr. Leandro Paiva do Monte Rodrigues (coordenador do projeto) e foi estruturado a partir de pesquisas existentes sobre como os alunos avaliam o ensino de Geografia e como gostariam que fosse. Com isso, buscando compartilhar, dialogar e discutir sobre os diversos meios e recursos didáticos existentes que podem agregar nas metodologias utilizadas para as aulas. Assim, esperando despertar os futuros e já professores para um ensino mais criativo e menos tradicional.

Então, através do curso realizado e ofertado pelo projeto, os encontros foram pautados na utilização de meios e recursos didáticos existentes e de fácil acesso, visto que a ideia era mostrar que não é necessário criar estratégias complexas, mas é preciso um pouco de criatividade, força de vontade e paciência para planejar e organizar as atividades que podem ser desenvolvidas. Além disso, outro aspecto do projeto foi demonstrar que não se aprende apenas dentro de uma sala de aula, mas em qualquer espaço, em qualquer lugar pode-se aprender, como no pátio da escola, na frente, no jardim ou em qualquer outro espaço que ela possua.

Logo, o curso teve como objetivo principal o compartilhamento de técnicas e o uso de recursos materiais/didáticos que poderiam colaborar para com o desenvolvimento das práticas pedagógicas dos graduandos e dos professores participantes do curso.

Assim, no período de desenvolvimento do curso, houve algumas reuniões e o planejamento das atividades com os monitores e os professores colaboradores. Também aconteceram encontros somente com os monitores e, quinzenalmente aconteciam os encontros da extensão, os quais ocorriam nos dias de quartas-feiras. A base metodológica dos encontros estava pautada na *teoria-prática-aplicação* que de acordo com (RODRIGUES *et. al.*, 2018, p. 4099) “tem por objetivo principal levar aos participantes a compreenderem os conteúdos de

maneira teórica e prática, proporcionando assim um aprendizado mais significativo para o seu cotidiano, além de refletir a aplicação do conteúdo na sala de aula”.

Com base nisso, as práticas feitas pela extensão foram desenvolvidas de forma presencial, realizadas no Centro de Humanidades – Campus III da Universidade Estadual da Paraíba, na cidade de Guarabira, no qual a utilização do espaço do Humaniza Bosque Carlos Belarmino esteve presente em praticamente todos os encontros desenvolvidos, assim como outros ambientes da UEPB, como corredores, jardins e demais espaços livres. Além disso, ao todo foram realizadas 9 (nove) ações extensionistas, em que cada uma delas se referia a um tema específico, como mostra o Quadro 1.

QUADRO 1- Ações extensionistas desenvolvidas e temas trabalhados

AÇÕES E TEMÁTICAS SOCIALIZADAS	
NÚMERO DAS AÇÕES	TEMÁTICAS TRABALHADAS
1º Ação extensionista	Observação pelos espaços da universidade
2º Ação extensionista	Noções de espacialidade em microescala
3º Ação extensionista	Noções de espacialidade em macro escala
4º Ação extensionista	Problemas ambientais e o uso da tecnologia
5º Ação extensionista	Orientação através do Sol
6º Ação extensionista	Uma abordagem a partir do lugar: Cidade e Meio ambiente
7º Ação extensionista	Geografia e Natureza: Uma abordagem sobre Bacias Hidrográficas
8º Ação extensionista	Formas de relevo
9º Ação extensionista	Solos

Fonte: Próprio da autora, 2022.

Assim, para a realização das atividades ofertadas no curso da extensão, foram levados em consideração a parte teórica e a prática, como também a aplicação, com o intuito de fazer os extensionistas refletirem sobre como poderiam agregar em cada conteúdo discutido. Então, era preciso que os extensionistas pensassem a respeito do que poderiam fazer, como melhorar, quais recursos poderiam usar ou substituir, para que com isso, eles tivessem a compreensão de que buscar fazer mudanças no ensino não é fácil, é uma tarefa muitas vezes difícil e trabalhosa, mas que é possível e que vale a pena, pois geralmente, gera bons resultados.

Dessa maneira, o projeto buscou demonstrar que o espaço escolar é o todo, e não somente a sala de aula, assim como as práticas são importantes para a aprendizagem dos alunos, principalmente, se tratando da Geografia, que busca explicar e ensinar as diversas mudanças que ocorrem em todo o espaço geográfico e envolvem o homem e a natureza e suas ações. Portanto, como afirma Brandão e Mello (2015), o professor precisa ser reflexivo de suas

práticas e buscar utilizar recursos para facilitar o ensino-aprendizagem, pois da mesma forma que os recursos-materiais-didáticos podem ajudar, também podem atrapalhar se usados incorretamente, por isso é necessário que os docentes busquem estar sempre atualizados a cerca desses materiais.

4.2 PRÁTICAS E TEMÁTICAS DESENVOLVIDAS NOS ENCONTROS DO CURSO DE EXTENSÃO

O projeto de extensão procurou partilhar variadas técnicas voltadas para o ensino em relação as metodologias, meios e recursos didáticos para desenvolver aulas mais inovadoras e proveitosas para os alunos, empenhando-se para apresentar ideias e sugestões que pudessem ajudar a dinamizar e tornar lúdico alguns temas que são trabalhados na Geografia e que são essenciais para os educandos. Para esse fim, foram aproveitados os recursos didáticos disponíveis e de fácil acesso como, por exemplo, garrafas pet que não eram mais utilizadas, os espaços da universidade, o uso da tecnologia, entre outras ferramentas.

Os encontros buscaram despertar o interesse e a curiosidade dos alunos e abrir os olhos deles para a reflexão de futuras práticas metodológicas, visto que todos os alunos estavam fazendo curso para serem futuros docentes, além de alguns já estarem em uma segunda formação pedagógica. Deste modo, estimulando os estudantes a participarem das atividades desenvolvidas e refletirem sobre as propostas. Contudo, os encontros da extensão consistiram em diferentes temáticas geográficas, incluindo cartografia, solos, meio ambiente, bacias hidrográficas, entre outras, as quais estão listadas abaixo:

Observação pelos espaços da universidade: Conhecer os espaços existentes no ambiente escolar, é um dos primeiros passos para iniciar a pensar em estratégias de produzir aulas mais dinâmicas, que quebrem o paradigma da sala de aula e do tradicionalismo.

Por isso, uma das primeiras propostas foi fazer uma observação pelos espaços existentes dentro da universidade. Discutindo que, atualmente é necessário que se faça aulas mais inovadoras, em que uma das primeiras coisas que precisasse fazer é transformar a lógica da sala de aula. Portanto, é oportuno procurar romper com essas barreiras, levando em conta as possibilidades e realidades vivenciadas. Na figura 1, podemos ver os participantes da extensão observando os espaços da universidade, Campus III Guarabira-PB.

Figura 1- Passeio pelos espaços existentes da universidade-UEPB-Campus III



Fonte: Acervo da autora, 2022.

Identificar os espaços que podem ser utilizados para desenvolver práticas metodológicas distintas é essencial para fazer um ensino mais inovador, criativo, lúdico e dinâmico, principalmente na contemporaneidade, onde os alunos estão rodeados de ferramentas que os envolvem com muita facilidade. Assim, os espaços escolares podem ser grandes aliados no que diz respeito ao ensino aprendizagem, como afirma (FRITZEN, 2015, p. 22):

O espaço escolar deve ser visto como aliado do trabalho do educador, não como um problema, ou algo que desestabilize sua ação pedagógica. O grande desafio é estar sempre pronto para lidar com o inusitado, seja a partir de sugestões dos alunos e/ou imprevistos que acontecem ou podem acontecer durante o período de aula. Assim, é necessário propor espaços que se tornem ambientes de relações e, por meio destes, criar ambientes de aprendizagem, transformando os espaços escolares.

Dessa maneira, a proposta de observação dos espaços livres disponíveis dentro da universidade, tinham a intenção de fazer os extensionistas pensarem nos ambientes e como transformá-los em lugar de aprendizagem. No qual, os alunos da extensão foram levados a pensar, não somente, nesses espaços, mas como utilizados, quais práticas e assuntos poderiam desenvolver dentro destes, buscando desse jeito quebrar as barreiras da sala de aula e usando estes ambientes como aliados para suas estratégias metodológicas.

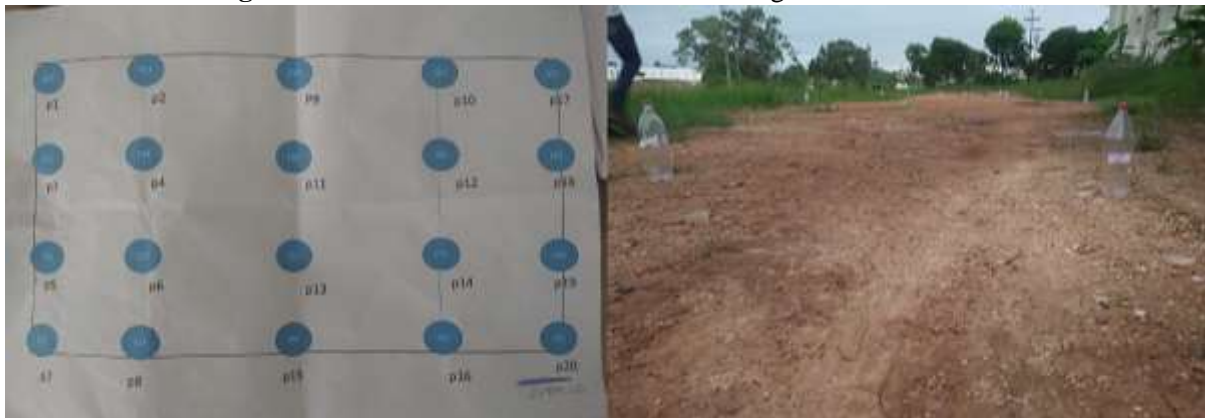
Noções de espacialidade em microescala: Saber se localizar no espaço, se utilizando dos pontos de referências tidos no mesmo é de grande relevância e faz parte da cartografia, por isso, sendo importante conteúdo da Geografia. Com isso, Francischett (2002) diz que é

fundamental que o aluno se localize no espaço onde vive e entenda que isso não é “obra do acaso”. Visto que, as representações cartográficas permitem o entendimento de como os espaços estão organizados e distribuídos. Assim, para entendermos o espaço é necessário buscar o entendimento sobre ele, a fim de aprender como se situar dentro deste.

Então, como ação de extensão foi desenvolvida uma atividade dinâmica e lúdica, no qual, para a sua realização, foram utilizadas garrafas pet, o pequeno espaço da universidade (um caminho) que fica ao lado do bosque e um esquema feito pelo *Word*. As garrafas eram identificadas por uma numeração e tinham um número específico, que se referia a um número de uma pergunta que os alunos deveriam responder e que estava disposta no grupo do *WhatsApp* dos alunos da extensão.

Portanto, as garrafas estavam organizadas a partir de números e se encontravam distribuídas no espaço de acordo com uma ficha do circuito que cada aluno recebeu. Os números das garrafas estavam especificados nas fichas e cada uma delas representava um ponto local distinto, onde os alunos precisavam achar esse ponto, pegar o número da pergunta, olhar a pergunta que estava no *WhatsApp* e responder, assim como mostram as figuras 2, 3.

Figuras 2 e 3 Ficha do circuito desenvolvido e garrafas distribuídas



Fonte: Acervo da autora, 2022.

Partindo disso, os extensionistas participaram ativamente da atividade proposta, em que a partir da ficha com circuito que receberam, iam até a garrafa com o número especificado, pegavam o número da pergunta e respondiam em seguida, como é demonstrado nas figuras 4 e 5.

Figuras 4 e 5- Extensionistas participando da atividade



Fonte: Acervo da autora, 2022.

Noções de espacialidade em macro escala: Essa ação é bem parecida com a referida anteriormente, porém feita em macro escala, em que ao invés de usar um pequeno espaço como a sala de aula ou o caminho dos ônibus, utilizamos todos os ambientes da universidade, como corredores, jardins, o bosque, entre outros. No qual, foram espalhadas por todo o campus várias etiquetas que os discentes deveriam encontrar. Eles precisavam se localizar através do mapa que cada grupo havia recebido. O mapa continha pontos distintos para cada grupo.

Esse mapa foi desenvolvido através de uma imagem do Google Earth da UEPB/CH (Fig. 6) que foi salva e colocada no Power Point, em seguida foram distribuídos pontos nas diversas áreas existentes, onde o objetivo era que cada grupo encontrasse as etiquetas com o número das perguntas através destes pontos.

É importante destacar que a partir desse mapa foram feitos vários mapas com pontos distintos, onde os extensionistas receberam as imagens com pontos diferentes para poderem localizar e pegarem o número da pergunta para responder. Sendo o diferencial dessa ação, a utilização de todos os espaços livres disponíveis na UEPB – Campus III.

Figuras 6- Imagem área da UEPB/CH Campus III e como os pontos estavam distribuídos de maneira distintas



Fonte: Acervo da autora, 2022.

É importante destacar o Google Earth como uma ferramenta importante para a Geografia, dado que:

O Google Earth permite que você viaje pelo mundo por meio de um globo virtual e visualize imagens, mapas, terrenos, construções em 3D e muito mais via satélite. Com o rico conteúdo geográfico do Google Earth, você pode ter uma experiência muito mais realista de visualização do mundo. Você pode voar até o seu lugar favorito, procurar empresas e até mesmo navegar pelas rotas (GOOGLE, 2013).

Além disso, a partir dessa prática, foi possível trabalhar não apenas localização, orientação no espaço e o raciocínio dos participantes, como também testar a agilidade. Desta maneira, observando quem tinha mais dificuldades com relação a leitura dos mapas de orientação. Em que, segundo (PASSINI, 1994, p. 11):

A possibilidade de ler mapas de forma adequada é de grande importância para se educar o aluno e as pessoas em geral para a autonomia. A capacidade de visualização da organização espacial é importante como conhecimento para uma participação responsável, consciente e possibilidade de propor mudanças alternativas.

Contudo, essa atividade, além de trabalhar um assunto muito importante ainda ajudou a estimular os alunos a interagirem uns com os outros, incentivando em uma aprendizagem mais colaborativa que outrem, como podemos perceber nas Figuras 7 e 8.

Figuras 7 e 8- Alunos da extensão participando da atividade com mapas



Fonte: Acervo da autora, 2022.

Problemas ambientais e o uso da tecnologia: Falar de meio ambiente é muito importante na contemporaneidade, visto que este é dotado de problemas que são causados das mais diversas formas. O ambiente está presente na vivência das pessoas, se tornando essencial trabalhar a maneira como esse é tratado e como os seres humanos acabam provocando o seu desequilíbrio.

Logo, na teoria dentro da sala de aula buscou-se provocar os extensionistas com diferentes imagens sobre os problemas ambientais (Fig. 9 e 10). Assim, foi espalhado várias imagens fotográficas de problemas ocorridos nos mais diferentes lugares e das mais diversas formas e, discutiu-se como poderíamos abordar o assunto de forma mais significativa e que fizesse sentido para os educandos. Então, diante as imagens postas, levamos os discentes a refletirem o porquê essas coisas acontecem? O que esses empecilhos provocam? O que poderia ser feito para evitar? Qual seria uma possível solução? Ou seja, buscou-se instigar os alunos a raciocinarem e refletirem acerca de todos esses questionamentos.

Figura 9 e 10 - Participantes observando as fotos dos problemas ambientais



Fonte: Acervo da autora, 2022.

Sabendo da importância dessa temática, realizamos uma atividade prática que envolvia a visão, a percepção e o entendimento dos participantes, inserindo nesta o uso das tecnologias (o celular). Em que, de acordo com Souza & Novaes (2013), a utilização das tecnologias nas aulas de Geografia permite aos docentes desenvolverem ações pedagógicas mais dinâmicas, prazerosas e motivadoras, visto que o educando passa a ser ativo no processo de ensino-aprendizagem, principalmente, quando propostas atividades que envolvem coisas cotidianas da vida dos alunos, como é o uso das câmeras e outros meios tecnológicos.

Por isso, os alunos foram divididos em grupos e cada grupo ficou responsável por encontrar dentro da universidade um problema ambiental que fosse visível e, em seguida gravar um vídeo de no máximo 2 minutos, procurando responder, o porquê aquilo era um problema? Por que foi ocasionado? Quais as consequências? E qual seria uma possível solução? (Fig. 11 e 12). Assim, trazendo uma ferramenta tecnológica que está presente no cotidiano dos alunos para o ensino e a aprendizagem deles, dando assim, um maior significado para o assunto.

Figuras 11 e 12- Alunos procurando um problema ambiental dentro da UEPB



Fonte: Acervo da autora, 2022.

Orientação através Sol: Desde a antiguidade, as pessoas se orientam e se localizam no espaço através do Sol ou usando os corpos celestes presentes no céu. Essa foi uma das primeiras maneiras que o homem encontrou para não ficar perdido no espaço. No qual, perceberam que o sol sempre nasce no Leste, assim como se põe sempre no Oeste. Por isso, é uma temática geográfica essencial de se saber e aprender, dado que nem sempre temos ferramentas de localização disponíveis, além da observação e do uso do próprio corpo. Para isso, o indivíduo precisa ter noção e discernimento para saber as direções corretas dos pontos cardeais, assim devendo trabalhar as noções de espacialidade, tendo claro as noções de lateralidade, em que Simielli (2007, p. 92) diz que:

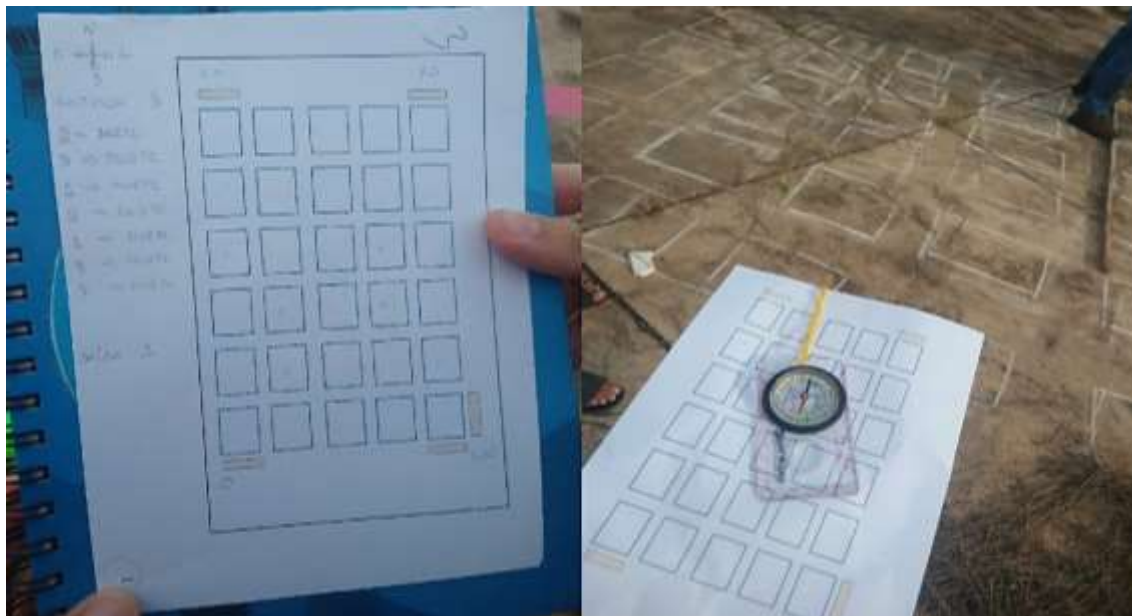
O conceito de orientação espacial deve, antes de qualquer coisa, ser trabalhado pelas noções de lateralidade e referências. Muitas vezes, o problema do aluno não está na orientação espacial e sim nas noções que antecedem esse conceito, ou seja, nas noções de lateralidade e referências. Outro problema que o aluno enfrenta no aprendizado dessas noções é que o professor trabalha muitas vezes, logo no início, no espaço bidimensional, quando na realidade esse item deveria ser trabalhado no espaço tridimensional, e somente após o aluno ter efetivo domínio das referências e de lateralidade.

Dessa forma, saber identificar os lados do corpo é necessário para entender a posição das rosas do vento para conseguir se orientar no espaço. Por isso, é preciso que o docente busque trabalhar de maneira interessante com os alunos, para que eles consigam desenvolver tais habilidades.

Por conseguinte, a técnica compartilhada foi uma dinâmica usando uma tabela de quadros desenhados no chão da quadra da universidade e o sol, para que os discentes pudessem ver, pensar e refletir como poderiam fazer dentro de suas realidades, quais locais da escola

poderiam usar para ensinar seus educandos a se orientarem pelo sol, como retratam as figuras 13, 14, 15 e 16 abaixo:

Figura 13 e 14- Esquema de quadros desenhados para a dinâmica



Fonte: Acervo da autora, 2022.

Assim, se faz necessário ressaltar que o uso da bússola na atividade, como apresentado na figura acima, foi apenas para verificação das direções dos pontos cardeais no momento de desenhar os quadrados no chão. Mas, durante a prática de extensão realizada, o objeto (bússola) não foi utilizado.

FIGURA 15 e 16- Técnica sendo compartilhada com os alunos da extensão



Fonte: Acervo da autora, 2022.

A atividade era pautada em os alunos usarem os pontos cardeais dentro dos quadrados, partindo da luz solar, assim podendo se orientar para as direções que precisavam ir, em que

cada quadrado da ponta era uma saída, e eles tinham que trabalhar em duplas para fazerem o percurso certo e conseguirem sair. Uma prática fácil a princípio, mas que os extensionistas precisavam pensar e raciocinar para seguirem nas direções corretas.

Esse tipo de ação é fundamental na formação do professor, uma vez que busca abrir os olhos deles para criar, inventar, reinventar e adaptar atividades lúdicas sem gastar nada, ou muito pouco, com ferramentas e recursos fáceis de serem utilizados e achados.

Uma abordagem a partir do lugar: cidade e meio ambiente: É importante frisar que uma das categorias geográficas que são trabalhadas nas salas de aula pelos professores, é a categoria lugar. Em que, conforme Yi Fu Tuan (1983, p. 83) “quando o espaço é conhecido inteiramente, sendo familiarizado, torna-se lugar”. E quando o espaço é vivenciado e valorizado, torna-se lugar, tendo significado para a pessoa. Com isso, a ação de extensão procurou fazer com que os participantes entendam que é necessário que o conhecimento e a busca do saber se iniciem dos locais de vivências dos educandos, para que quando levados para outras escalas, compreendam a importância e o significado de determinados assuntos.

Aliás, a partir dessa abordagem os estudantes acabam por conhecer, de fato, a cidade em que vivem, os principais pontos, os lugares, a história, as transformações, além da situação em que se encontra o meio ambiente. Esse tipo de pesquisa colabora para o entendimento e reflexão de várias problemáticas tidas em seus entornos, mas que muitas vezes eles desconhecem por não conhecerem o ambiente por inteiro no qual estão inseridos e localizados.

Deste modo, partindo dessa ação da extensão foi possível fazer os docentes e futuros professores pensarem e a repensarem suas práticas metodológicas, mostrando e socializando possibilidades de ações pedagógicas para serem utilizadas com seus alunos, buscando fazê-los refletirem o quanto usar o lugar que vivem, pode influenciar de forma positiva para a construção do saber e do ser cidadão, uma vez que trabalhar com essa categoria é bater de frente com problemas existentes nas realidades dos alunos. O que é fundamental, principalmente, atualmente, em que se vive em um mundo polarizado e que passa por constantes transformações, que estão relacionadas com a relação do homem com a natureza.

Sendo assim, a prática de extensão com relação a essa temática foi de grande relevância para os participantes da extensão, no qual foi feito um percurso saindo da UEPB-Campus III-Guarabira/PB até o centro da cidade, onde passou-se por vários pontos importantes da mesma, como a antiga estação, a igreja, pontos de construções antigas, entre outros (Fig. 17, 18, 19, 20 e 21). Em que, os discentes puderam pensar, refletir e socializar possibilidades de ensino, ainda conseguindo conhecer a cidade e constatar alguns problemas ambientais. Dessa maneira,

percebendo o lugar e a sua realidade, e por consequência tendo um aprendizado muito mais significativo, que futuramente, podem socializar com seus educandos e até com outros docentes.

Figura 17 e 18- Saindo da UEPB-Campus III com sentido ao centro de Guarabira-PB



Fonte: Acervo da autora, 2022.

Conhecer os pontos principais de uma cidade é necessário, principalmente se tratando de professores e futuros docentes, uma vez que as suas vivências e experiências são importantes para trabalhar diversos assuntos, especialmente temas da realidade dos seus educandos.

Figura 19, 20 e 21 – Conhecendo vários pontos da cidade de Guarabira-PB



Fonte: Acervo da autora, 2022.

Geografia e Natureza: Uma abordagem sobre Bacias Hidrográficas: Através desta ação de extensão, foi compartilhado sobre a importância das bacias hidrográficas, dado que todas as cidades e lugares se encontram dentro de uma, ou tem elementos formadores dela. Portanto, os aspectos do relevo, das coberturas vegetais, dos solos, entre outros, acabam por

serem condições que interferem na dinâmica do ciclo hidrológico (BOTELHO, 2015). O que, segundo Vasco *et. al.*, (2011) explica a precisão contínua e substancial de se estudar sobre as bacias hidrográficas, a fim de que se estabeleça uma exploração sustentável dos recursos naturais e ambientais. Por isso, sendo um tema fundamental de ser discutido, socializado e refletido nesses encontros de extensão, além de ser tema substancial dentro da Geografia.

Com base nisso, buscou-se discutir, identificar e refletir sobre os elementos de uma bacia hidrográfica. Por função da bacia hidrográfica ser o espaço territorial natural da verdadeira movimentação e fenomenologia do ciclo hidrológico, que é formada por redes de drenagem e cursos de água que seguem até resultar em um único leito e ponto de saída (TEODORO *et. al.*, 2007). Por isto, na bacia hidrográfica se pode dialogar sobre várias temáticas dentro deste assunto, levando em consideração a Geografia e a natureza, como o clima, o relevo e o meio ambiente.

A partir disso, os coordenadores explicaram na teoria sobre os constituintes de uma bacia hidrográfica, usando vários recursos como mapas, maquetes e Datashow (Fig. 22 e 23). Enquanto, a atividade prática consistiu em utilizar um determinado espaço do Campus para construir através das delimitações do espaço, uma bacia hidrográfica. No qual o material didático utilizado foi cal e copos descartáveis, além do próprio relevo do espaço escolhido.

Portanto, os discentes foram levados a pensarem, a partir do espaço apresentado a eles, como poderiam construir uma bacia hidrográfica utilizando aquele meio natural, sem precisar modificá-lo. Assim, analisou-se onde poderia ser cada elemento que foi falado na teoria, onde os próprios extensionistas demarcaram com cal os caminhos a serem percorridos e as possibilidades de colocar cada estrutura no lugar mais apropriado (Fig. 24 e 25). O que deu significado para o que haviam visto, até o momento, só no papel, no livro, ou seja, teoricamente.

Figura 22 e 23- Recursos didáticos utilizados na extensão sobre Hidrogeografia



Fonte: Acervo da autora, 2022.

É essencial deixar claro que o delineamento do território de uma bacia hidrográfica é marcado pela existência dos elementos formadores dela, que acabam por permitir analisar vários fatores, ambientais, sociais e econômicos. Dessa forma, sendo imprescindível que haja a discussão para tratar do assunto, dado que se trata de algo importante e que influencia no jeito da sociedade viver. Sendo significativo essa aproximação do conteúdo para com as diferentes realidades vividas.

Figura 24 e 25- Construindo uma bacia hidrográfica no espaço da UEPB



Fonte: Acervo da autora, 2022.

Formas de relevo: Os relevos são uma das principais características visíveis de um lugar. Por isso, a ação de extensão desenvolvida para com esse tema, foi socializar técnicas de

como poderia se trabalhar com os alunos de forma dinâmica, utilizando materiais de fácil acesso, que se encontrassem na universidade ou/e fossem fáceis de trazer de casa. Portanto, os materiais utilizados nessa atividade foram brita, areia, água, colher e borrifador (maioria dos materiais já tinham na universidade). Com isso, os participantes da extensão foram divididos em 5 grupos, em que cada um deles ficou responsável por modelar as formas de relevo estabelecidas, as quais foram: ilha e baía, península e istmo, planalto e depressão, perfil de relevo da Paraíba e foz em delta, como apresentado na Figura 26.

Figura 26: Formas de relevo construídas pelos participantes da extensão



Fonte: Acervo da autora, 2022.

É de suma importância os alunos entenderem os aspectos formadores do relevo e no que isso pode implicar. Em que Marques (2003) reitera que a relação entre os seres humanos e o relevo vem de bastante tempo atrás, e que eles aprenderam analisar esse elemento espacial, que acabam por possuir: “Grande importância em muitas situações do seu dia a dia, como para assentar moradia, estabelecer melhores caminhos de locomoção, localizar cultivos, criar seus rebanhos ou definir os limites dos seus domínios” (MARQUES, 2003 p. 24). Logo, o ensino desse conteúdo de forma lúdica e dinâmica, proporciona o aluno maior interesse e um aprendizado muito mais significativo e relevante.

Solos: Outro tema da Geografia que é importante é a discussão dos solos. O qual, assim como as formas de relevo, também foram socializadas técnicas das várias possibilidades de trabalhar com essa temática, de maneira didática e dinâmica. Em que, os alunos foram divididos em grupos e cada um deles, trabalhou com o solo de uma forma diferente, com elementos específicos e depois socializou-se sobre os elementos com o restante dos discentes. Onde foram

divididos em: grupo 1- camadas do solo (horizontes); grupo 2- componentes; grupo 3- estrutura; grupo 4- textura; e grupo 5- consistência.

No qual, conforme Sacramento (2011, p. 3):

A prática do ensino dos solos permite que o aluno, além de utilizar materiais diferenciados do cotidiano escolar, como brita, areia, argila, água, ou outros materiais de modelagem, compreendam os modelos ou as informações que estão dentro da sequência das aulas, na qual o professor deve associar acontecimentos do cotidiano para organizar o raciocínio espacial do aluno em relação às mudanças na paisagem

Então, como mostra a Figura 27 abaixo, é possível tornar lúdico, dinamizar e tornar mais prazerosas as aulas. No qual, é interessante o desenvolvimento de práticas para despertar o interesse do aluno, ao invés de deixar apenas o conteúdo baseado na teoria, assim teoria e prática, complementam o aprendizado dos educandos e se complementam no conhecimento.

Figura 27- Trabalhando de forma dinâmica com solo



Fonte: Acervo da autora, 2022.

Dessa forma, a partir de todas as ações de extensão desenvolvidas, conhecimentos, técnicas e atividades socializadas, podemos afirmar que essas práticas contribuíram de maneira significativa na construção do ser professor criativo, crítico e reflexivo desses alunos da graduação, como também para serem docentes cientes de suas ações e da realidade em que os educandos vivem. Para que assim, consigam dar mais significado para as aulas de Geografia, que são tão importantes, porém trabalhadas nas escolas, muitas vezes, de maneira supérflua e desinteressante.

Esse curso realizado através do projeto de extensão “Espaço de Experiências do Humaniza Bosque Carlos Belarmino – HCBC, foi fundamental e de grande relevância para abrir o pensamento em relação as várias metodologias e recursos-materiais-didáticos que podem ser utilizados para dar um maior significado, assim como ludificar, dinamizar e tornar as aulas mais prazerosas para com o ensino e a aprendizagem dos seus educandos, e por consequência fortalecendo e complementado a relação teoria-prática-aplicação.

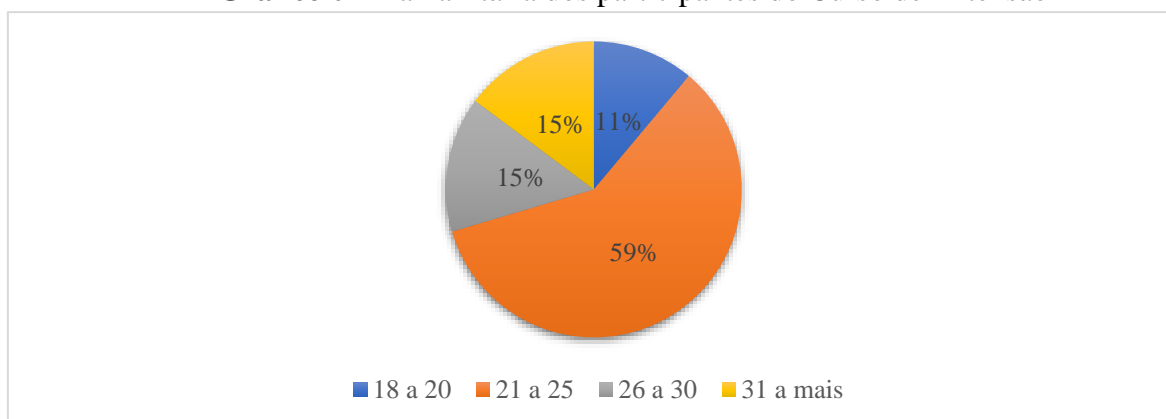
4.3 ANÁLISE DOS DADOS DOS PARTICIPANTES

Nesta parte da pesquisa, se buscou analisar e discutir os resultados do questionário avaliativo acerca dos dados dos alunos da extensão, sobre o ensino básico e superior, assim como as metodologias e os meios utilizados pelos professores de Geografia dos extensionistas das fases de ensino mencionadas. A fim de constatar a importância do uso de diferentes recursos e metodologias nas aulas e de como extensões universitárias voltadas para o ensino são valiosas e importantes na formação de professores mais capacitados e qualificados.

4.3.1 SOBRE OS ALUNOS PARTICIPANTES DO CURSO DE EXTENSÃO DO HUMANIZA BOSQUE CARLOS BELARMINO- HCBC

Os alunos que participaram do curso de extensão ofertado pelo projeto de extensão “Espaço de Experiências do Humaniza Bosque Carlos Belarmino”, tinham faixa Etária diversificada, conforme mostra o gráfico abaixo (Gráfico 01). Além disso, a idade dos mesmos variava de 18 anos até 31 ou mais.

Gráfico 01- Faixa Etária dos participantes do Curso de Extensão



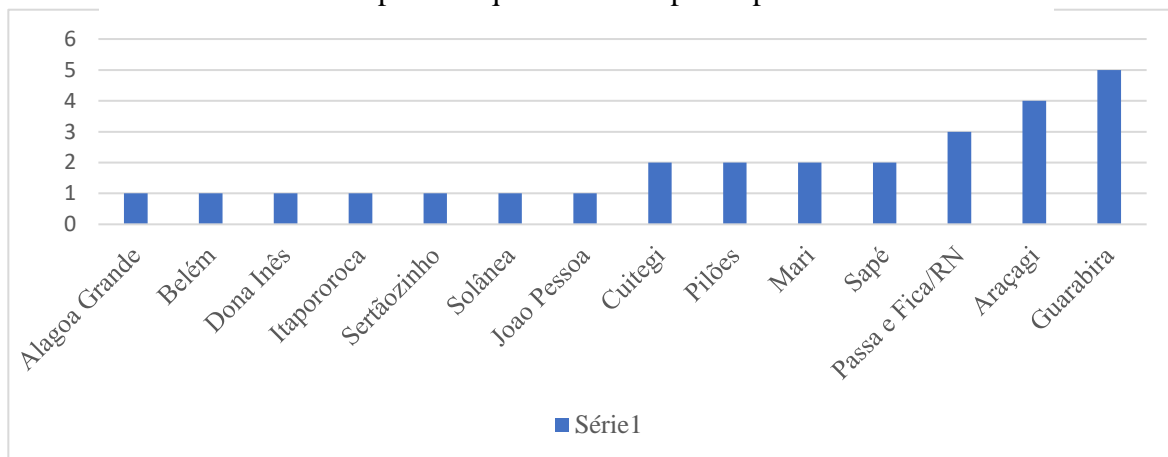
Fonte: Autoria própria, 2022.

Assim, a maior parte dos alunos tinham entre 21 e 25 anos de idade, em que representavam mais da metade dos alunos, tendo uma média de 59%. Em relação ao restante, a idade era variada, no qual 15% eram alunos de 18 a 20 anos, 15% de 26 a 30 e os outros 11% por cento representados pelos estudantes com 31 anos ou mais, ou seja, os participantes do curso eram compostos por pessoas de faixa etária bem distintas, o que consideramos um ponto positivo, visto que o curso atingiu diferentes pessoas de idades distintas.

Outro ponto importante, é a questão dos municípios dos participantes, no qual o curso atingiu não só alunos do município de Guarabira, cidade sede da UEPB Campus III, mas

também estudantes de várias cidades circunvizinhas, da capital João Pessoa e de outros estados, como os alunos do município de Passa e Fica no Rio Grande do Norte (Gráfico 02).

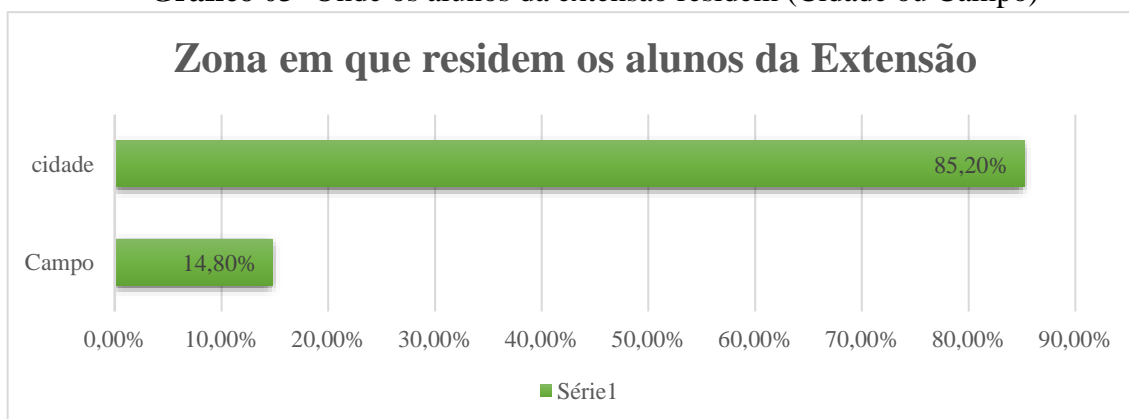
Gráfico 02- Municípios e a quantidade de participantes de cada cidade



Fonte: Autoria própria, 2022.

Os alunos eram residentes em vários municípios e até em Estados diferentes da sede universitária do curso de extensão, em que faziam na sua maioria, o movimento pendular (em que a pessoa sai de sua cidade para outra e retorna no mesmo dia, sendo para trabalhar ou estudar) onde saíam das suas cidades para estudar na UEPB-Campus III. No qual, isso acaba por agregar muito no conhecimento dialogado dos universitários, em que cada um cooperava de forma distinta do outro para com os conhecimentos. E apesar de uma boa parte dos alunos morarem no município de Guarabira, existia outra parte dos participantes que residiam nas cidades vizinhas, circunvizinhas, na capital e no Estado do Rio Grande do Norte. Além disso, os alunos residiam em diferentes zonas, urbana e rural (Gráfico 03).

Gráfico 03- Onde os alunos da extensão residem (Cidade ou Campo)



Fonte: Autoria própria, 2022.

Logo, a maior parte dos participantes eram da zona urbana, com uma média de 85,20%, enquanto os residentes da zona rural ficavam na média de 14,80%, que apesar de ser um número

baixo, é um valor considerável se levarmos em conta os vários fatores e dificuldades dos alunos da zona rural em fazer esse movimento pendular, principalmente durante o dia.

4.3.2 O ENSINO BÁSICO E OS PROFESSORES DE GEOGRAFIA DOS EXTENSIONISTAS

O ensino básico tem papel primordial na formação das crianças e dos adolescentes, pois a partir de como o mesmo é desenvolvido, os alunos podem se interessar ou se frustrar com as informações passadas para eles, por isso é necessário que desde a educação infantil, se busque fazer um ensino significativo, que promova a curiosidade e desenvolva as habilidades dos educandos, assim seguindo o que está previsto na LDB, Lei nº 9.394 de 1996, onde consta que a educação básica tem como objetivo buscar desenvolver o aluno de forma a assegurar-lhe a formação necessária e indispensável para que ele possa exercer sua cidadania, assim como fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e nos seus estudos futuros. Com isso, o ensino básico deve ser de caráter construtivo, produtivo e significativo para com os educandos, para que forme cidadãos conscientes e participativos, capazes de provocar mudanças na sociedade.

Contudo, o ensino proporcionado até a atualidade ainda é feito em sua maior parte, de maneira monótona, seguindo o tradicionalismo de jeito enfadonho, que não instiga os alunos a buscarem a serem melhores, a aprenderem e muito menos a construírem de forma relevante seus conhecimentos. Na contemporaneidade, ainda temos professores que usam apenas o livro didático e o quadro de giz de maneira que não chama a atenção do aluno, isso acontece principalmente por causa do sistema de educação implantado. Lógico, que não são todos os docentes, uma parcela deles já buscam dinamizar, ludificar e fazer com que os educandos aprendam de outras formas, mas que ainda é minoria.

Por isso, neste trabalho buscamos fazer uma breve pesquisa de como foi o ensino básico e como os professores de Geografia agiam para lecionar suas aulas. Buscando compreender como que os extensionistas viam as aulas e o jeito que os professores e professoras desenvolviam as mesmas, se de forma estimulante ou desestimulante, sem provocar os mesmos a quererem a aprender mais. Na tabela 01, temos como os alunos da extensão avaliaram o seu ensino básico, de acordo com notas de 1 a 5, no qual 1 se refere ao ensino péssimo até 5 que indica um ensino básico ótimo.

Tabela 01- Avaliação dos alunos da extensão sobre o ensino básico

	Avaliação (nota)	Porcentagem
1-	Péssimo	3,7%
2-	Ruim	-
3-	Regular	59,3%
4-	Bom	29,6%
5-	Ótimo	7,4%

Fonte: Autoria própria, 2022.

Como podemos visualizar na tabela, mais da metade dos extensionistas avaliaram que o ensino básico deles foi regular, representado por 59,3% dos estudantes, com nota 3, o que implica em um ensino que talvez não tenha colaborado tanto para o aprendizado desses estudantes, uma educação que não agregou tanto nos seus conhecimentos e aprendizados. Já 29,6% avaliaram para um ensino bom, enquanto apenas 7,4% disseram terem tido um ensino básico ótimo, que com certeza já foi um ensino com maior relevância, enquanto 3,7% avaliaram que o ensino básico foi péssimo.

Outro objetivo, foi buscar analisar sobre as aulas de Geografia e os docentes da disciplina. Em que, buscou-se investigar como era a didática dos docentes, se as aulas de Geografia eram lúdicas, dinâmicas e prazerosas e quais os principais recursos utilizados para essas aulas, tendo em vista que esses aspectos são os principais meios para aulas mais dinâmicas, lúdicas e prazerosas. Portanto, os alunos da extensão fizeram suas avaliações de acordo com o ensino que tiveram.

Os extensionistas avaliaram se as aulas de Geografia eram dinâmicas, prazerosas e lúdicas e suas avaliações foram feitas a partir da distribuição de notas de 1 a 5, no qual 1 representa péssimo, até 5 que significa ótimo, como mostra a Tabela 02.

Tabela 02- Avaliação sobre as aulas de Geografia (eram dinâmicas, lúdicas e prazerosas)

	Avaliação (nota)	Porcentagem
1-	Péssimo	29,7%
2-	Ruim	40,7%
3-	Regular	11,1%
4-	Bom	11,1%
5-	Ótimo	7,4%

Fonte: Autoria própria, 2022.

Segundo os dados avaliados, 40,7% e 29,7% achavam as aulas ruins e péssimas, respectivamente, ou seja, as aulas eram dadas de maneira tradicionais, desinteressantes e chatas, sem muitos recursos didáticos e muitas vezes com uma metodologia que não proporcionava aos extensionistas nenhum prazer. Ainda conforme a avaliação, as aulas de geografia não eram

lúdicas, dinâmicas e muito menos prazerosas. O que acaba por desestimular os estudantes e fazerem eles pensarem e acharem a matéria/disciplina chata e sem importância, quando na verdade a Geografia é indispensável para o aprendizado e para a vida, uma vez que está inserida no cotidiano de todo o planeta. A geografia é a ciência que estuda as relações do homem com a natureza e tem como objeto de estudo o espaço, sendo uma das ciências humanas mais importantes para se entender o mundo e as relações nele tidas. Deste modo, concordando com Callai (2010, p. 17) quando afirma que:

A geografia escolar, assim como a ciência geográfica, tem a função de estudar, analisar e buscar explicações para o espaço produzido pela humanidade. Enquanto, a matéria de ensino cria as condições para que o aluno se reconheça como sujeito que participa do espaço em que vive e estuda, compreendendo que os fenômenos que ali acontecem são resultados da vida e do trabalho dos homens em sua trajetória de construção da própria sociedade demarcada em seus espaços e tempos.

Desta forma, a Geografia tem função elementar em relação aos estudos, análises e explicações dos espaços, sejam naturais ou modificados. Logo, o ensino da mesma busca tornar os educandos em cidadãos conscientes das suas realidades, assim como fazê-los entenderem que eles fazem parte de todas as mudanças que ocorrem na sociedade no decorrer dos tempos. Portanto, sendo também responsáveis pelas transformações que acontecem.

Para tanto, os fatores para se buscar fazer aulas mais dinâmicas, prazerosas e lúdicas implicam em diversos fatores que vão desde as metodologias utilizadas, a iniciar pela didática dos docentes, entre muitas outras. Com isso, os alunos da extensão buscaram avaliar como era a didática dos professores de Geografia dos seus ensinamentos básicos, como mostra a Tabela 03:

Tabela 03- Didática dos professores de Geografia do Ensino Básico

Avaliação (nota)		Porcentagem
1-	Péssimo	14,8%
2-	Ruim	14,8%
3-	Regular	44,4%
4-	Bom	18,6%
5-	Ótimo	7,4%

Fonte: Autoria própria, 2022.

Logo, segundo os dados expostos, a didática utilizada pelos professores do ensino básico dos extensionistas não eram suficientes para garantir que eles tivessem um aprendizado considerável de fato. Posto isso, pode-se alegar que esses docentes seguiam um ensino voltado para o tradicionalismo, utilizando principalmente, métodos e meios insuficientes de provocar um ensino relevante para os discentes.

Por conseguinte, fazendo um ensino sem considerar a didática, em que segundo Cardoso (2021) os docentes responsáveis por tais disciplinas, precisam buscar trabalhar das mais diferentes formas, buscando se adequar as precisões, de acordo com o público que almejam alcançar, sejam crianças, adolescentes ou adultos, para que assim consigam proporcionar e garantir aprendizado aos educandos. Dado que, os orientadores têm a capacidade de buscar adaptar ou modificar as suas maneiras de ensinar, para que assim, os alunos possam aprender o que está sendo ensinado.

Sendo assim, a didática é um dos fatores primordiais para um ensino interessante. Em que, de acordo com Libâneo (1990) a didática trabalha na capacitação de análise e evolução dos professores para que eles possam examinar, evidentemente, o ensino como ele é decerto, a fim de buscar refletir o “como”, o como ensinar, para que ensinar e o que ensinar. Destarte, promovendo um ensino realmente significativa e se tornando docentes reflexivos de suas práticas pedagógicas. Deste modo, sendo professores comprometidos com a educação e o real conceito de construir conhecimentos.

Outro aspecto analisado, foram sobre os recursos didáticos utilizados pelos docentes do ensino básico, no qual os alunos buscaram identificar quais foram os recursos que seus professores de Geografia mais utilizaram para promover suas aulas, como está disposto na tabela 04:

Tabela 04- Principais Recursos Didáticos utilizados pelos professores de Geografia do ensino básico dos extensionistas

Avaliação	Livro Didático	Quadro e giz/lápis	Vídeos	Datashow	Celular	Atividades fora da sala de aula	Aulas dinâmicas	Aulas de campo
1- Nunca utilizou	3,7%	3,7%	63%	51,9%	77,8%	70,4%	70,4%	70,4%
2- Raramente utilizava	3,7%	-	14,8%	25,9%	7,4%	14,8%	11,1%	14,8%
3- As vezes utilizava	-	-	3,7%	7,4%	11,1%	7,4%	7,4%	7,4%
4- Quase sempre utilizava	11,1%	7,4%	11,1%	-	-	3,7%	7,4%	-
5- Sempre utilizava	81,5%	88,9%	7,4%	14,8%	3,7%	3,7%	3,7%	7,4%

Fonte: Autoria própria, 2022.

De acordo com a análise dos dados, os recursos mais utilizados pelos professores eram o livro Didático e o quadro e giz/lápis. Já os menos utilizados eram o celular, atividades fora da sala de aula, aulas dinâmicas, aulas de campo e vídeos, ou seja, todas as formas que fugiam de um ensino tradicional eram deixadas de lado. Com isso, muitas das vezes desestimulando os

alunos e promovendo um ensino ineficaz em relação ao aprendizado, o qual não despertava o interesse dos alunos para o que estava sendo discutido. Por tanto, o uso de recursos didáticos e das tecnologias podem colaborar com um ensino mais relevante, se usados da forma certa, em que segundo JUSTINO (2011, p.73) declara que:

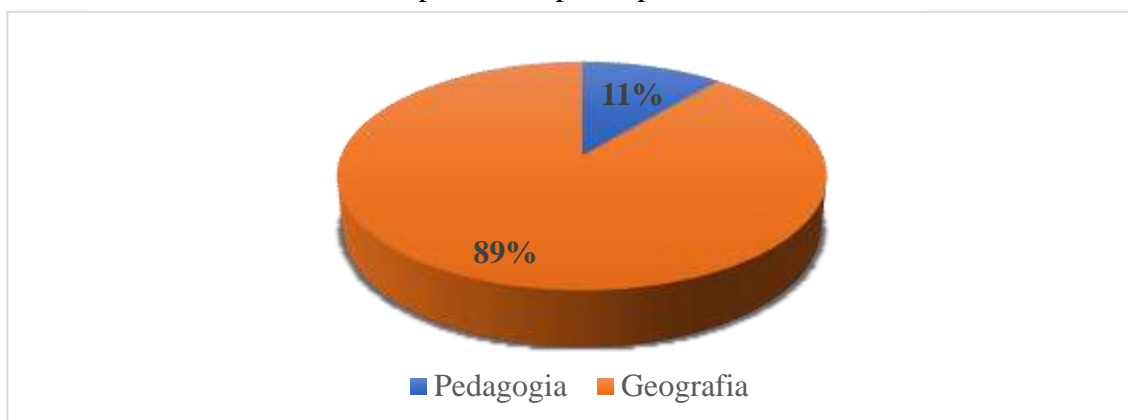
No universo da educação, a utilização de recursos didáticos e da tecnologia inovadora, somados a prática pedagógica adequada, busca despertar o interesse para o aprendizado, pois oferecem um conjunto de recursos importantes e ferramentas de comunicação e informações, tornando-se assim, um componente essencial de pesquisa e um potente instrumento de ensino-aprendizagem.

Desta forma, é necessário que os professores e futuros docentes busquem refletir e promover um ensino melhor que o de outrem. No qual, para isso precisa-se buscar saber usar as ferramentas e os recursos didáticos ao seu favor, a favor do ensino-aprendizagem. É preciso que os educadores busquem sair de suas zonas de conforto, na qual Pontuschka, Paganelli e Cacete (2009) confirmam os dados dessa pesquisa, quando dizem que muitos professores apesar dos diversos recursos didáticos que existem, usam apenas o livro didático, de maneira meramente tradicional, copiando os assuntos na lousa sem muitas explicações e até mesmo deixando assuntos soltos, sem que os alunos consigam compreender e entender o sentido deles.

Então, a partir dos dados analisados, pode-se constatar que o ensino básico dos extensionistas poderia ter sido muito mais relevante e interessante, se os docentes dominassem os meios de ensino de forma a assegurar um ensino mais significativo e inovador, visto que existem vários recursos didáticos que podem ser utilizados para deixar o ensino e a aprendizagem mais interessantes e assim despertar a curiosidade e o interesse dos educandos.

4.3.3 SOBRE O CURSO SUPERIOR E A UNIVERSIDADE DOS PARTICIPANTES DO CURSO DE EXTENSÃO

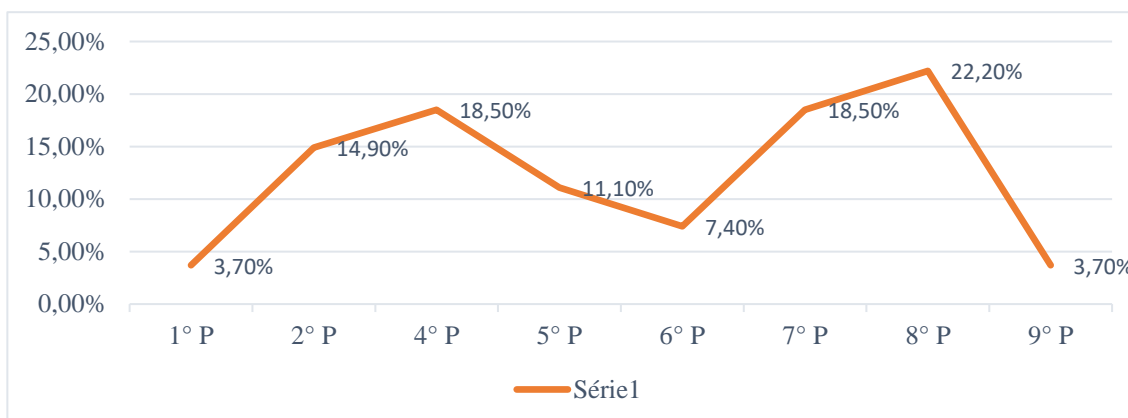
Os participantes que se inscreveram e participaram da Extensão cursavam cursos superiores de licenciatura em pedagogia e licenciatura plena em Geografia (Gráfico 04).

Gráfico 04 - Curso superior dos participantes da extensão

Fonte: Autoria própria, 2022.

Como demonstra o gráfico 04, os alunos que participaram da extensão eram de dois cursos, sendo eles de pedagogia e a maioria do curso de geografia que representavam 89% dos participantes, já os de pedagogia ficaram com os outros 11%. Além disso, é importante ressaltar que 100% dos alunos eram estudantes da UEPB-Campus III, localizada na cidade de Guarabira-PB.

Com isso, os extensionistas cursavam distintos períodos dos cursos, em que variava do 1º período ao 9º período, com exceção do 3º período, em que não havia nenhum estudante participando.

Gráfico 05- Período cursando dos alunos da extensão

Fonte: Autoria própria, 2022.

Como exposto nos dados do Gráfico 05, os extensionistas estavam cursando variados períodos. No qual, se destaca os alunos do 8º período, representando 22,2% dos participantes, seguidos dos estudantes do 4º e do 7º período, no qual ambos representavam 18,5%. Já o 1º e o 9º período representavam a menor porcentagem, apenas 3,7% cada um.

Neste trabalho, também buscamos avaliar como os extensionistas avaliavam o curso superior que estavam fazendo e como enxergavam a estrutura física da universidade. Visto que isso, pode implicar no desenvolvimento deles, uma vez que os ambientes/espços frequentados

pelos alunos podem influenciar de forma positiva ou negativa, a depender da organização do lugar e de como ele é apresentado.

Assim, corroborando com o pensamento de Relph (2014) de que um local inclui vivências, atributos e significados da experiência de pessoas. Portanto, o espaço é lugar de interações sociais, trocas e experiências de vida, ainda mais quando se trata de um espaço responsável pela educação e por formar cidadãos críticos e conscientes. Desta forma, sendo imprescindível que os alunos avaliem o ambiente que passam o seu tempo e onde buscam serem seres críticos e terem consciência das distintas realidades existentes no mundo, principalmente, se tratando de graduandos de licenciatura, já que futuramente será papel deles compartilhar, construir e reconstruir conhecimentos com seus educandos.

A partir disso, os extensionistas fizeram uma avaliação sobre a estrutura física da universidade no Campus III da UEPB, buscando avaliar todos os espaços contidos na mesma, sendo uma avaliação de forma geral, como mostra a Tabela 05:

Tabela 05- Avaliação da estrutura física da universidade- UEPB -Campus III

Avaliação	Porcentagem
Excelente	3,7%
Muito boa	22,7%
Boa, mas precisa melhorar	66,7%
Ruim, mas está melhorando	7,4%
Ruim, não percebo melhorias	-

Fonte: Autoria própria, 2022.

Como apontam os dados da tabela, 66,7% dos alunos avaliaram que a estrutura da universidade é boa, mas que é necessário que seja feita melhorias, enquanto 22,7% disseram achar a estrutura muito boa e 3,7% acharem a estrutura física excelente. Já 7,4% apontaram que a estrutura é ruim, porém está melhorando. Em vista disso, podemos concluir que a UEPB Campus III, possui uma boa estrutura, mas que é preciso melhorar em alguns aspectos, o que já está se buscando fazer, como levar mais acessibilidade e melhorar em vários outros fatores.

Outro ponto avaliado pelos estudantes, foi a questão do curso superior que fazem, também feito de forma geral, buscando demonstrar se achavam excelente, muito boa, boa ou ruim (Tabela 06).

Tabela 06- Avaliação do curso superior dos participantes da extensão

Avaliação	Porcentagem
Excelente	14,8%
Muito boa	51,9%
Boa, mas precisa melhorar	29,6%
Ruim, mas está melhorando	3,7%
Ruim, não percebo melhorias	-

Fonte: Autoria própria, 2022.

Apenas 3,7 % dos alunos avaliaram que o curso era ruim, mas que estava melhorando, já 51,7% disseram que o curso era muito bom. Ao todo, podemos concluir que os graduandos avaliaram que o curso era bom, mas que é preciso que haja melhorias, pois é necessário que os professores busquem sempre estejam atualizados, além de terem boas metodologias e usarem os recursos didáticos ao seu favor, para assim, fazerem um ensino mais considerável para com os seus alunos. Logo, melhorar significa avançar em alguns aspectos ainda muito tradicionais.

Também buscamos analisar sobre as metodologias utilizadas pelos professores do curso superior dos alunos da extensão, como apresentado na Tabela 07.

Tabela 07- Metodologias utilizadas pelos professores do curso superior dos alunos do Curso da Extensão.

Metodologia utilizada pelos docentes	Avaliação dos alunos (%)
- Em sua maioria utilizam métodos participativos e dinâmicos envolvendo os alunos, relacionando os assuntos com a formação de professores e sua aplicação em sala de aula.	48,2%
- Alguns utilizam métodos participativos e dinâmicos, relacionando os assuntos com a formação de professores. Mas existe uma minoria de professores que o principal método de aula é o expositivo.	37%
- A minoria de professores utiliza métodos participativos e dinâmicos, que relacionam os assuntos com a formação de professores. A maioria dos docentes utilizam o principal método de aula, o expositivo, sem relacionar com a formação de professores.	14,8%
- A maioria dos professores utilizam o método de aula expositivo, fazendo pouca relação com a formação de professores.	-
- A maioria dos professores utilizam o método de aula expositivo, fazendo nenhuma relação com a formação de professores.	-

Fonte: Autoria própria, 2022.

Em concordância com as informações da tabela relacionada as metodologias usadas pelos docentes universitários, a maior parte utiliza métodos de ensino participativos e dinâmicos

que os envolvem e buscam relacionar os temas trabalhados com a formação de professores e como aplicá-los em sala de aula, correspondendo a 48,2%. Já 37% dos estudantes, responderam que apenas alguns professores utilizam métodos participativos e dinâmicos, em que relacionam os assuntos com a formação de professores, mas que existe uma minoria de professores que o principal método utilizado por eles é a aula expositiva. Enquanto 14,8 % dos discentes replicaram que as minorias dos professores utilizam métodos participativos e dinâmicos e que relacionam os assuntos com a formação de professores, onde a maioria dos docentes utilizam o método de aula expositivo, sem fazer nenhuma relação com a formação de professores, o que acaba por ser uma característica negativa no curso que busca formar futuros professores.

A vista disso, conseguimos salientar que assim como os professores do ensino básico, os docentes universitários também precisam pensar, repensar, criar e recriar seus métodos pedagógicos de ensino, principalmente se tratando do público adulto. Por conseqüências disto, Borges e Alencar (2014, p. 127) declaram que “o ensino superior é desafiador, pois precisa ser inventado ou reinventado diariamente”. Sendo assim, os professores são “obrigados” a sempre refletirem sobre sua prática pedagógica, buscando utilizar novas metodologias e deixar de lado as metodologias tradicionais desnecessárias e excessivas.

Ante o exposto, é notório a necessidades de buscar estar sempre atualizado, por isso a importância de participar de cursos, extensões, palestras, ou seja, dá continuidade à sua formação, para que assim haja o entendimento e a noção sobre o uso das distintas metodologias de ensino que são possíveis.

E assim como as metodologias, outro aspecto considerável para o ensino-aprendizagem é a utilização de recursos didáticos nas aulas, os quais são importantes em toda extensão relacionada ao ensino, pois contribuem na formação dos alunos, seja para formar cidadãos ou profissionais. Em que, é necessário que os professores procurem estar atentos nas necessidades de seus alunados.

Posto isso, abaixo segue a tabela com os dados sobre a avaliação dos recursos- materiais- didáticos utilizados pelos professores do ensino superior dos alunos de extensão (Tabela 08):

Tabela 08- Recursos- Materiais- Didáticos utilizados nas aulas do ensino superior

Recursos-materiais-didáticos utilizados	Avaliação dos alunos (%)
1- Os professores utilizam apenas o Datashow e material de leitura dentro da sala de aula.	7,4%
2- A maioria dos professores utilizam Datashow e material de leitura, mas a minoria utiliza outros recursos como mapa, globos, bússola, atividades fora da sala de aula e aula de campo.	59,3%
3- A maioria dos professores utilizam vários materiais como Datashow, mapas, globos, atividades fora da sala de aula e aula de campo.	29,6%
4- A maioria dos professores utilizam materiais de leitura, mas é a minoria que utiliza Datashow.	-
5- Os professores utilizam apenas o material de leitura (artigo, capítulo do livro, entre outros).	3,7%

Fonte: Autoria própria, 2022.

Segundo os alunos da extensão, a maioria dos professores usam Datashow e material de leitura, enquanto a minoria utiliza outros recursos como mapas, globos, atividades fora da sala de aula e aula de campo. Logo, a utilização dos recursos didáticos utilizados na universidade pelos docentes ainda precisa melhorar e ser mais diversificada. Visto que, na contemporaneidade os estudantes necessitam de um ensino mais inovador e criativo, buscando com que os mesmos demonstrem interesse, pois a utilização apenas de Datashow e materiais de leitura, se torna insuficiente para despertar a curiosidade e a relevância dos conteúdos para os alunos, principalmente se tratando de graduandos em licenciatura de Geografia, os quais precisam buscar desenvolver suas próprias metodologias e meios para que assim possam trazer significado para os assuntos que precisarão abordar futuramente.

Com isso, “Os materiais didáticos são muito importantes e serve como meios para auxiliar a docência, buscando mais significância e positividade” (BASTOS, 2011, p. 45). Portanto, utilizar meios didáticos diversificados ajudam no ensino e aprendizagem, tanto para os professores, quanto para os alunos. Em que, Falavigna (2009) afirma que usar meios e recursos didáticos diferentes como opções inovadoras, são de grande relevância para os docentes na questão de trabalhar e buscar desenvolver os conteúdos na sala de aula, pois podem proporcionar aos estudantes uma maior facilidade para aprenderem.

Assim, os recursos são ferramentas que exercem grande importância, pois buscam facilitar esse ensino-aprendizagem. Assim sendo, preciso que os docentes busquem diversificar suas metodologias e recursos-didáticos em prol de dar maior sentido, em relação aos temas trabalhados e discutidos dentro e fora da sala de aula.

Contudo, a pesquisa feita sobre o ensino de Geografia no ensino básico e superior, assim como as metodologias e os meios utilizados pelos professores mostrou que são necessárias muitas melhorias na forma de ensinar. Que é preciso que os professores busquem ser mais criativos, dinamizem e ludifiquem suas aulas a fim de estabelecer uma conexão mais significativa da teoria com a prática, para que assim os discentes se tornem mais engajados, curiosos e interessados no que se está a ensinar.

Dessa forma, essa avaliação demonstrou que mesmo com o passar do tempo, a maioria dos professores continuam a exercer sua função através de ações metodológicas tradicionais, usando o básico e deixando de aproveitar a própria realidade do aluno para suas práxis.

4.4 AVALIAÇÃO DOS EXTENSIONISTAS SOBRE AS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS NA EXTENSÃO

Os resultados conquistados neste trabalho estão inteiramente relacionados as experiências obtidas no projeto de extensão e ao curso desenvolvido através dele. Em que, se buscou através das ações, proporcionar uma melhor qualificação dos professores e futuros docentes de Geografia do Campus III/Guarabira-PB, assim como torna-los professores reflexivos das suas práticas metodológicas, os quais inovam, criam, recriam, pensam e refletem sobre suas aulas, com isso procurando quebrar as barreiras do tradicionalismo enfadonho que rodeiam as aulas de Geografia.

Consequentemente, as práticas extensionistas contribuíram por intermédio do compartilhamento e socialização de várias técnicas de ensino, por causa do incentivo a utilização de diversos recursos-materiais-didáticos para um ensino de Geografia mais criativo, dinâmico e lúdico, que busca dar maior e mais significado para o ensino-aprendizagem dos alunos. A partir das práticas de extensão, o elo entre teoria e prática, metodologia e recursos didáticos diversificados e a técnica utilizada para aplicação das aulas, faz com que o ensino tradicional que não despertava o interesse e a curiosidade dos alunos, passe a ser um estimulador e incentivador da busca ao conhecimento, como também desperta a curiosidade e o interesse dos educandos a aprenderem o que antes para eles era chato, desinteressante e monótono.

Logo, as práticas realizadas por meio da extensão, voltadas para a formação e qualificação de professores, a tornam importante para a universidade e para as comunidades, uma vez que a extensão é responsável por essas trocas mútuas entre elas. Por esse motivo, a extensão universitária se torna uma ferramenta necessária para que seja possível entender e compreender as mudanças que são precisas para que os docentes possam tornar as aulas mais relevantes para os discentes.

Desta forma, sendo importante levar a realidade vivenciada do aluno para a discussão, para a ação, para que desta maneira eles entendam os fenômenos e mudanças ocorrentes nos seus entornos. E para isso, a utilização de recursos didáticos que facilitem esse ensino aprendizagem e tire o ensino, mesmo que seja um pouco, do modo tradicionalista e mnemônico dos livros didáticos para ser mais criativo, já faz todo um diferencial na vida do estudante.

Então, partindo do que foi desenvolvido no curso de extensão, pode-se afirmar que a socialização das variadas técnicas de ensino, usando desde os espaços livres da universidade para quebrar as barreiras da sala de aula, como os recursos/materiais didáticos para facilitar o ensino e a aprendizagem dos alunos, são de grande valia nos cursos de licenciatura, pois ajudam

na capacitação dos futuros profissionais, assim como o incentivam a buscar novas estratégias de ensinar, no qual podem até criar suas próprias metodologias, tendo autonomia do ser professor reflexivo de suas ações metodológicas e pedagógicas de ensino.

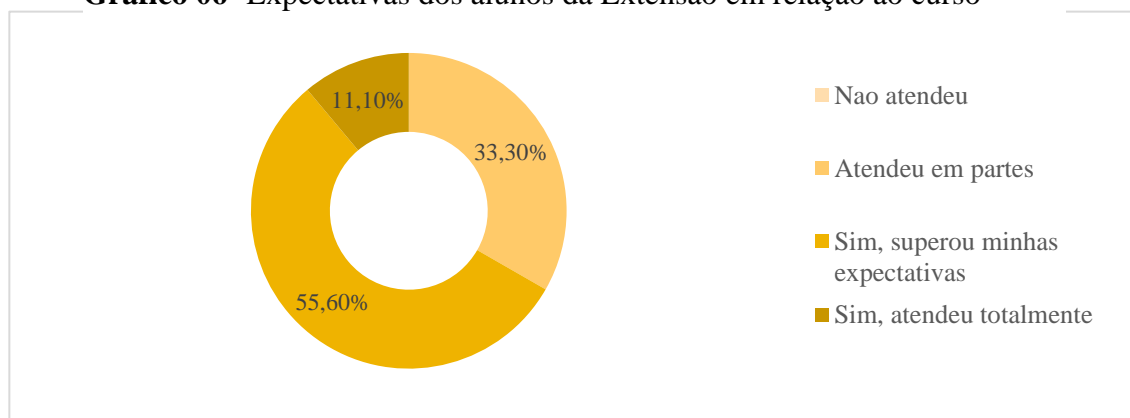
Ante o exposto, o compartilhamento, a socialização e a trocas de técnicas e experiências é indispensável para a aprendizagem e o conhecimento de procedimentos e ações que pendam para um ensino mais dinâmico e flexivo. No qual, o uso das metodologias certas, levando em consideração os temas trabalhados nas aulas tendem a fazer os alunos a terem maior interesse e engajamento no que se está ensinando, principalmente quando teoria e prática são levadas a se complementarem de maneira interessante e lúdica.

Á vista disso, a participação de professores do ensino básico, assim como dos estudantes de licenciatura em Geografia são muito importantes nesse tipo de extensão, que presa por um ensino mais significativo para com os educandos, que seja prazeroso, lúdico e dinâmico. Sendo este, um grande colaborador na formação de professores, capaz de promover uma educação mais interessante e formar profissionais comprometidos, de fato, com os seus deveres.

Neste contexto, de acordo com o questionário preenchido ao final das ações de extensão, foi possível analisar as ponderações dos participantes acerca das práticas realizadas, tendo em conta a importância da mesma e sua continuação.

Assim, foi importante analisar se as práticas desenvolvidas cumpriram o seu propósito de propiciar aos alunos da extensão a socialização de técnicas que lhes ajudarão nas suas ações metodológicas e os incentivaram a serem docentes mais inovadores, que buscam fazer os alunos a aprender a aprenderem de maneira flexível. Conforme a pesquisa, podemos reiterar que o curso atendeu de maneira satisfatória as expectativas dos alunos, como mostra o Gráfico 06 abaixo:

Gráfico 06- Expectativas dos alunos da Extensão em relação ao curso



Fonte: Autoria própria, 2022.

Portanto, de acordo com os dados do gráfico, mais de 55% dos alunos responderam que o curso superou suas expectativas, 33% que o mesmo atendeu totalmente, enquanto os outros 11% disseram que atendeu em partes suas expectativas, mostrando que as ações foram significativas para os alunos da extensão.

A partir disso, avaliamos o pensamento dos extensionistas em relação aos temas trabalhados durante todo o curso, no qual 100% deles responderam que os temas discutidos e trabalhados durante as ações são totalmente relevantes na sala de aula. Com isso, a tabela 09 reflete sobre a concepção dos alunos da extensão acerca dos conteúdos trabalhados a cada encontro do projeto, onde de acordo com os números de 1 a 5 a avaliação varia, no qual 1 significa que foi ruim até 5 que foi muito bom.

Consequentemente, é possível perceber o grau de satisfação dos temas trabalhados nos encontros. Em que, podemos destacar que os assuntos mais bem avaliados foram o uso dos solos, passeio pelos espaços da UEPB e abordagem a partir do lugar (Visita ao centro de Guarabira), respectivamente. Portanto, trabalhar de maneira a buscar quebrar as barreiras e a lógica da sala de aula, é o que dá mais sentido e significado para o ensino-aprendizagem dos alunos atualmente, pois tira-os de suas zonas de conforto e os provoca de forma a incentivar o seu interesse e a despertar a curiosidade para alcançar o conhecimento necessário sobre determinados assuntos.

Tabela 09- Avaliação dos conteúdos desenvolvidos na extensão

Conteúdos	1- Ruim	2- Ruim em partes	3- Regular	4- Bom	5- Muito bom
Passeio pelos espaços da UEPB				8,7%	91,3%
Dinâmicas com garrafas Pets no HCBC				15,4%	84,6%
Circuito de orientação (Procurando os pontos)				11,1%	88,9%
Meio ambiente e a criação de vídeo				12%	88%
Prática de orientação com o Sol				10%	90%
Abordagem a partir do lugar – Visita ao Centro de Guarabira/PB			4,35%	4,35%	91,3%
Bacias Hidrográficas				15%	85%
Modelagem de Relevo			4,5%	9,1%	86,4%
Uso dos solos					100%

Fonte: Autoria própria, 2022.

Outro fator importante que os alunos da extensão avaliaram, foi a utilização dos recursos-materiais-didáticos diversos, em que revelaram se conheciam tais ferramentas e se

acreditavam ser aplicáveis ou não na sala de aula. É indispensável ressaltar a importância do uso de diferentes recursos e meios didáticos para dinamizar e tornar as aulas mais prazerosas e lúdicas na atualidade, dado que apenas a utilização do livro didático de forma monótona e tradicional, acaba por muitas vezes desestimular os discentes a buscarem a aprender. Para tanto, diante os resultados apresentados acerca dos recursos materiais-didáticos utilizados na extensão, a maior parte dos extensionistas indicaram que não conheciam os recursos, mas que eram aplicáveis na sala de aula, enquanto a minoria relatou já conhecer os recursos e serem totalmente aplicáveis em sala de aula, como demonstra a Tabela 10.

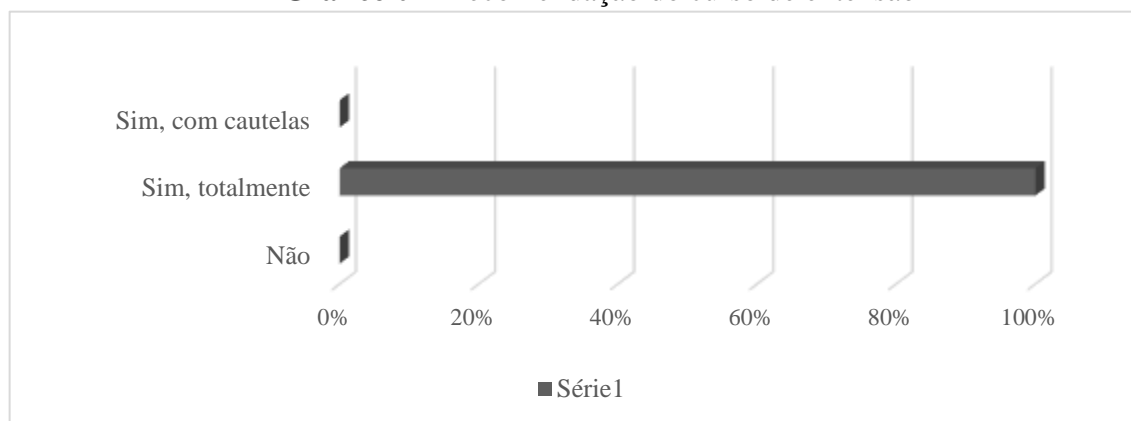
Tabela 10- Uso dos recursos-materiais- didáticos na extensão

Sobre os recursos e materiais- didáticos	Avaliação dos alunos
1- Não conhecia os recursos utilizados. Porém NÃO são aplicáveis em sala de aula.	-
2- Conheciam os recursos utilizados. Porém NÃO são aplicáveis em sala de aula.	-
3- Não conhecia os recursos utilizados. São aplicáveis em sala de aula totalmente	63%
4- Conheciam os recursos utilizados. São aplicáveis em sala de aula totalmente	37%

Fonte: Autoria própria, 2022.

É necessário salientar que todos os recursos aplicados na extensão, estão presentes no cotidiano de todos os participantes. Porém, a utilização destes como meio para facilitar, dinamizar e ludificar as aulas não é algo recorrente. Por isso, a utilização desses materiais nas atividades da extensão para discussão dos conteúdos de Geografia, acabam por ser um atrativo estimulante para a realização de aulas mais inovadoras e para formação de professores mais reflexivos de suas práticas.

Ainda com base em tudo que foi desenvolvido nos encontros da extensão, outro ponto importante da avaliação foi com relação a recomendação do curso desenvolvido a partir de todas as atividades realizadas, levando em consideração todas as técnicas socializadas, os métodos, recursos e as ideias. Apoiado nisso, todos os extensionistas mostraram-se satisfeitos com os resultados alcançados e relataram a importância das ações desenvolvidas afirmando que recomendariam totalmente o curso de extensão desenvolvido, como representado no Gráfico 07.

Gráfico 07- Recomendação do curso de extensão

Fonte: Própria da autora, 2022.

Além disso, todos os alunos da extensão responderam que o curso deveria ter continuidade, visto que é um diferencial na formação do professor, especialmente, para os licenciandos em Geografia. Ainda mais por trabalhar conteúdos recorrentes e trazer a discussão, a socialização e o compartilhamento de técnicas que facilitam e tornam as aulas mais agradáveis e dinâmicas.

Ainda, fundamentados em todas as ações de extensão desenvolvidas e a relevância dessas para a sua formação, os extensionistas avaliaram a importância de tudo que foi discutido nos encontros da extensão, no qual destacamos os comentários de alguns deles, representados cada um por um número específico:

- **Participante 3:** “Todos os temas trabalhados e as dinâmicas realizadas, foram muito importantes para nossa formação enquanto docente. Pois, em grande maioria das atividades, não tinha conhecimento e agora será levado para sala de aula, durante as aulas nas escolas”;
- **Participante 5:** “O curso de extensão foi incrível, especialmente para demonstrar possibilidades de ensino que tornam concretos os assuntos abstratos”;
- **Participante 14:** “O curso foi importante, onde foi visto diversos materiais didáticos que podem ser utilizados fora da sala de aula”;
- **Participante 19:** “A extensão foi muito importante, pois possibilitou a ampliação do nosso olhar em relação as atividades que podem ser utilizadas em sala de aula”;
- **Participante 20:** “Curso maravilhoso, me surpreendeu positivamente, pois a minha visão de Geografia era totalmente diferente e chata e depois da extensão me fez ter outra perspectiva sobre”;
- **Participante 21:** “Foi importante as estratégias utilizadas e abordadas durante todo o curso, principalmente, pelo fato de o professor conseguir desenvolver nas ações,

metodologias que proporcionam o melhor rendimento educacional do aluno. Foi fundamental tudo que foi apresentado durante o curso, com certeza usarei várias dicas e metodologias em sala de aula”;

- **Participante 23:** “A extensão superou minhas expectativas, pois durante os três anos e meio (3,5) de curso, não havia ainda participado de tal que fizesse uma abordagem tão significativa e construtiva para a minha formação”.

Como podemos observar e avaliar nos comentários dos alunos da extensão, todas as ações desenvolvidas colaboraram de alguma forma para a construção do ser professor de cada um, no qual cada participante abstraiu para si, uma metodologia, uma técnica que lhes chamou mais a atenção e ampliou os seus olhares para as grandes possibilidades de inovar, criar, pensar e recriar métodos de ensino capazes de chamar a atenção e provocar o interesse de seus alunos e futuros educandos.

Para mais, pudemos constatar a partir dos comentários, que o olhar que os alunos e muitos professores têm sobre a importância do ensino de Geografia é errôneo, ao acharem que é uma coisa chata, como pondera o participante número 20, e que esse pensar está totalmente ligado a forma do professor ensinar e não aos conteúdos geográficos em si.

Infelizmente, a maior parte dos docentes da atualidade continuam com o método tradicional de ensinar, usando muitas vezes apenas o livro didático e incentivando os estudantes a decorarem os assuntos e não os instigando a aprenderem. Falta ainda, os professores pegarem todo o inconformismo que muitos apresentam e buscarem tentar agir, mudar e inovar seus procedimentos pedagógicos, procurando fazer um ensino mais significativo para com os seus educandos.

Vale ainda ressaltar o comentário do participante 23, o qual traz que em 3,5 (três anos e meio) de curso, não havia participado de nada que abordasse os conteúdos geográficos de maneira a lhe proporcionar boas estratégias metodológicas, assim como contribuir, realmente, para a construção do seu ser docente. E isso é importante, pois muitas vezes o graduando passa 4, 5 anos em um curso sem participar de nada que ultrapasse os quatro muros da sala de aula e contribua de alguma forma para a sua formação, para a sua qualificação e capacitação.

Por isso, os alunos que participam de cursos de extensão, monitorias, projetos ou se envolvem em coisas que ultrapassam os limites da sala de aula, acabam por terem, não somente, uma carga de conhecimento maior que outrem, como também se tornam profissionais preparados para lidar com diferentes questões e contratempos que o professor em uma sala de aula pode vir a enfrentar.

Desta forma, os resultados aqui evidenciados a partir do preenchimento do questionário, mostram a importância do projeto de extensão voltado para o ensino de Geografia e a formação docente, que vise a capacitação e a qualificação de professores para um ensino mais relevante dos temas geográficos e para a construção do ser professor crítico e reflexivo de cada um.

5 CONCLUSÃO

Considerando que a extensão universitária é substancial para a formação de docentes, pois busca tornar os estudantes em profissionais mais capacitados e qualificados, que refletem acerca das suas práticas metodológicas e procuram modificá-las quando necessário, buscando adequá-las a realidade social de seus alunos, para que dessa maneira consigam construir conhecimentos relevantes que façam sentido no cotidiano dos alunos, torna-se fundamental a socialização e o compartilhamento de técnicas de ensino, utilizando-se dos mais distintos recursos-materiais-didáticos, desde a utilização dos espaços livres até o uso de outras ferramentas para tornar as aulas mais dinâmicas e facilitar o ensino e aprendizagem dos alunos, contribuindo assim para a formação do ser docente dos extensionistas.

Sendo assim de grande valia, o estudo sobre a extensão universitária na formação de professores de Geografia, partindo da experiência do projeto de extensão “Espaços de Experiências do Humaniza Bosque Carlos Belarmino (HCBC)”, o qual contribuiu de maneira valorosa para a formação desses futuros professores, na qual as ações desenvolvidas colaboraram para a formulação de suas práxis e para a construção do ser mais habilidoso e eficiente de cada um deles.

Por isso tudo, a prática de extensão realizada foi muito importante para a formação dos graduandos da UEPB, uma vez que o compartilhamento de diferentes estratégias, utilizando diferentes recursos se tornaram atualmente, aliadas primordiais na formação dos estudantes de licenciatura, visto que esse tipo de prática, implica em conhecimentos inovadores e criativos, capazes de facilitar o ensino-aprendizagem dos educandos. E, em razão dessas ferramentas conseguem ampliar a visão e o conhecimento de didáticas, metodologias e estratégias para tornar as aulas de Geografia mais prazerosas e atrativas, alcançando com essas, a atenção e o entusiasmo dos estudantes e futuros alunos. Fazendo os professores quebrarem as barreiras do tradicionalismo de utilizar apenas o livro didático e o quadro branco/negro e giz.

Além disso, a análise dos dados sobre o ensino básico e as aulas na graduação também demonstraram que o projeto de extensão foi extremamente importante para a formação desses profissionais, os quais não tiveram as melhores aulas de Geografia no ensino básico e as aulas na graduação também não foram as mais dinâmicas. Portanto, o curso de extensão foi um diferencial para esses extensionistas buscarem preencher as lacunas do ensino geográficos que eles tiveram, podendo então se tornarem mediadores capazes de transformarem o ensino meramente tradicional, em um ensino mais lúdico, dinâmico e que faça, realmente, sentido no cotidiano de seus alunos.

Por isto, confirmou-se o mérito das ações extensionistas que foram desenvolvidas durante todo o projeto e o curso de extensão ofertado, assim como ficou claro a importância da extensão universitária para a formação de professores mais preparados, qualificados, críticos de suas próprias práticas e conscientes do que podem fazer para deixar o ensino muito melhor. Logo, pode-se constatar a partir do exposto que os objetivos deste trabalho foram alcançados com êxito.

Além do mais, a pesquisa partiu do como a extensão surgiu no Brasil, buscando explicar como as práticas eram desenvolvidas e quais foram as diversas mudanças que ocorreram desde a sua implantação no ano de 1911 até a modernidade. Em que, durante o trabalho verificou-se que houve muitas mudanças na legislação e na forma de fazer extensão, no qual as práticas saíram de cursos e assistencialismo para trocas e produção de conhecimentos que emanam da universidade para a sociedade e vice-versa.

Do mesmo modo que se buscou mostrar como a extensão é considerada dentro da universidade e qual é sua relevância para com os conhecimentos acadêmicos. Em que, se confirmou sua enorme magnitude para a universidade, dado que a extensão tem papel fundamental na formação do tripé que a forma, assim como é parte elementar para a busca e a pesquisa de conhecimentos, sejam estes saberes acadêmicos ou saberes empíricos.

Diante disso, é incontestável o valor da extensão universitária na formação de professores, pois, através das ações desenvolvidas e os conhecimentos obtidos a partir da mesma, a ciência do conhecimento caminha de mãos dadas com a sociedade e acaba por trazer, a realidade, de fato, mais presente, mais vivida. Então, os estudos voltados para a compreensão e investigação da importância da extensão, não só para a formação de docentes mais em outras áreas, é essencial e necessária.

Ademais, a pesquisa foi muito relevante para analisar as diversas problemáticas e possíveis soluções com relação ao ensino da Geografia, na medida em que as técnicas socializadas vão fazer todo diferencial na construção da práxis dos extensionistas. Assim, é preciso que mais extensões como esta sejam desenvolvidas nas universidades, levando em consideração temas que são trabalhados e importantes dos alunos aprenderem a aprender, e não somente memorizarem.

REFERÊNCIAS

ALARCÃO, I. (Coord.). **Formação reflexiva de professores: estratégias de supervisão**. Porto: Porto Editora, 2005.

ALVARENGA, A. T. et al. Interdisciplinaridade e transdisciplinaridade nas tramas da complexidade e desafios aos processos investigativos. **Práticas da interdisciplinaridade no ensino e pesquisa**, 2015.

BASTOS, A. P. **Recursos didáticos e sua importância para as aulas de geografia**. Conhecimento prático: Geografia, São Paulo, n.37, p. 44-50, mai. 2011.

BELO, L. I. B. et al. **Implicações da governança pública para a gestão da extensão universitária na Universidade Estadual da Paraíba**. 2022, 183p.

BOTELHO, R. G. **Erosão e conservação dos solos: conceitos, temas e aplicações** (org.). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 269-300 p. 2015.

BRANDÃO, I. D. N; MELLO, M. C. O. **Recursos Didáticos no Ensino de Geografia: Tematizações e possibilidades de uso nas práticas pedagógicas**, 2015.

BRASIL. Lei nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961. Fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**. Brasília, DF, 27 de dezembro de 1961. Seção 1.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, 5 out 1988.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: DF. Presidência da República.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil: 1988**. 18.ed. Brasília: Câmara dos Deputados, 2002. Série textos básicos, n. 27.

BRASIL. **Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014**. Aprova o Plano Nacional de Educação – PNE e dá outras providências. Brasília: Senado Federal, 2014.

BRASIL. **Constituição da Constituição da República Federativa do Brasil**: texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988, com as alterações determinadas pelas Emendas Constitucionais de Revisão nos 1 a 6/94, pelas Emendas Constitucionais nos 1/92 a 91/2016 e pelo Decreto Legislativo no 186/2008. Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2016.

BRASIL. Ministério da Educação (MEC). Conselho Nacional de Educação (CNE), Câmara de Educação Superior (CES). **Resolução nº 7, de 18 de dezembro de 2018**. Estabelece as Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira e regimenta o disposto na Meta 12.7 da Lei nº 13.005/2014, que aprova o Plano Nacional de Educação – PNE 2014-2024 e dá outras providências. **Diário oficial da União**, 19 dez. 2018, Edição 243, Seção 1, Página 49.

BORGES, T. S; ALENCAR, G. Metodologias ativas na promoção da formação crítica do estudante: o uso das metodologias ativas como recurso didático na formação crítica do estudante do ensino superior. **Cairu em Revista**, Salvador, v.3, n.4, p. 119-143, jul./ago. 2014. CARDOSO, Ana Carolina Grangeia. A didática e suas contribuições para a prática docente. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**. Ano 06, Ed. 08, Vol. 05, pp. 05-17. agosto de 2021. ISSN: 2448-0959, Link de acesso:<https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/contribuicoes>, DOI: 10.32749/nucleodoconhecimento.com.br/educacao/contribuicoes

CALLAI, H. C. A Geografia ensinada: os desafios de uma Educação Geográfica. In: Moraes, Eliana Marta Barbosa; Moraes, Loçandra Borges de. **Formação de professores: conteúdos e metodologias no ensino de Geografia**. Goiânia: Nepec, p. 15-37,2010.

CAVALCANTI, L. S. **Geografia e práticas de ensino**. Goiânia: Alternativa, 2002.

CASTRO, C. M. **Desventuras do ensino médio e seus desencontros com o profissionalizante**. In: VELOSO, F.; PESSÔA, S.; HENRIQUES, R.; GIAMBIAGI, F. (Orgs.). Educação básica no Brasil: construindo o país do futuro. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009. pp. 145-169.

DE PAULA, J. A. **A extensão universitária: história, conceito e propostas**. Interfaces (UFMG), v. 1, n. 1, p. 5-23, 2013.

DE SOUSA, Marcos Gomes. A Importância da Extensão Universitária para o Processo de Formação Inicial em Geografia. **Revista Form@ re-Parfor/UFPI**, v. 8, n. 1, 2020.

DEUS, S. F. B. **Extensão universitária: trajetórias e desafios**. 2020, P.95.

DIEMER, M. J. **A extensão universitária como possibilidade de formação integral: evolução, sujeitos envolvidos, aprendizagem e inserção curricular**. 2019, P.26.

DOMINGUINI, L.; ROSSO, P.; GIASSI, M. G. Extensão e a formação continuada de professores: um estudo de caso em ciências naturais. **Revista Ciência em Extensão**, v. 9, n. 1, p. 124-134, 2013.

FALAVIGNA, G. **Inovações centradas nos multimídias repercussões no processo ensino aprendizagem**. Porto Alegre, 2009.

FERNANDES, M. C.; SILVA, L. M. S.; MACHADO, A. L. G.; MOREIRA, T. M. M. Universidade e a extensão universitária: a visão dos moradores das comunidades circunvizinhas. **Educação em Revista**, v. 28, n 4., p. 169-193, jun 2012.

FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS - FORPROEX. **Plano Nacional de Extensão Universitária**. Ilhéus: Editus, 2001, 29p.

FÓRUM de Pró-Reitores de Extensão Universitária. **Extensão Universitária**. Extensão Universitária: organização e sistematização. Fórum de Pró-Reitores de Extensão das universidades Públicas Brasileiras; organização: Edison José Corrêa. Coordenação Nacional do FORPROEX- Belo Horizonte: Coopmed, 2007.

FOXPROEX. Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras. **XXXI ENCONTRO NACIONAL DO FORPROEX. CARTA DE MANAUS**, 2012, 3p.

FORPROEX, BRASIL. Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras. **Política Nacional de Extensão Universitária. Manaus, AM: Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras**, 2012, 68p.

FORPROEX – FÓRUM DE PRÓ-REITORES DAS INSTITUIÇÕES PÚBLICAS DE EDUCAÇÃO SUPERIOR BRASILEIRAS. O Forproex. In: **Rede Nacional de Extensão – RENEX**. 2016.

FRANCISCHETT, M. N. **Cartografia no ensino da geografia: construindo caminhos do cotidiano**. Rio de Janeiro: Kro Art, 2002, p.219.

FREIRE, P. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 75 ed. São Paulo: Paz & Terra, 2020.

FRITZEN, J. L. **De espaços escolares a ambientes de aprendizagem: a importância da diversificação dos espaços para promover aprendizagem**. 2015, p.100.

GADOTTI, M. Extensão universitária: para quê. **Instituto Paulo Freire**, v. 15, p. 1-18, 2017.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4º Ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2008, 220p.

GOOGLE EARTH. Disponível em: <http://www.google.com.br/intl/ptBR/earth/index.html>. Acesso em: jan. 2023.

JUSTINO, M. N. **Pesquisa e recursos didáticos na formação e prática docente**. Curitiba: Ibpx, 2011, 176p.

KOCHHANN, A. A extensão universitária no Brasil: compreendendo sua historicidade. **Semana de Integração**, v. 6, p. 546-557, 2017.

KOCHHANN, A; CURADO SILVA, K. A. C. P. **Formação docente e extensão universitária: concepções, sentidos e perspectivas**. In: REIS, Marlene Barbosa de Freitas; LUTERMAN, Luana Alves. **Interdisciplinaridade na Educação: redimensionando práticas pedagógicas**. Anápolis: UEG, 2017. p. 107-124.

KNECHTEL, M. R. **Metodologia da pesquisa em educação: uma abordagem teórico-prática dialogada**. Curitiba, PR: Intersaberes, 2014.

LIBÂNEO, J. C. **Pedagogos, para quê?** São Paulo: Cortez, 1990

LYNTON, E. **Reexaminando o papel da universidade**. Mudança, Filadélfia, v. 53, p. 19-23, 1983.

MARQUES, J. S. **Ciência Geomorfológica**. In: GUERRA, A.; CUNHA, S. Geomorfologia - uma atualização de bases e conceitos. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 2003. p.23-50.

MARINHO, C. M. et al. Porque ainda falar e buscar fazer extensão universitária?.**EXTRAMUROS-Revista de Extensão da UNIVASF**, v. 7, n. 1, p. 121-140, 2019.

MARTINS, L. M. **Ensino-pesquisa-extensão como fundamento metodológico da construção do conhecimento na universidade**. São Paulo: Unesp, 2012.

MELO NETO, J. F. **Extensão universitária: uma análise crítica**. João Pessoa: Editora Universitária, 2001.

NOGUEIRA, M. D. P. **Políticas de Extensão Universitária Brasileira**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

NOGUEIRA, M. D. P. (org.) Institucionalização da extensão nas Universidades públicas brasileiras: um estudo comparativo 1993/2004. **Fórum Nacional de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras**. Comissão Permanente de Avaliação da Extensão Universitária. 2 ed. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB; Belo Horizonte: Coopmed, 2007. (Coleção Extensão Universitária, 5).

PASSINI, E. Y. **Alfabetização Cartográfica e o livro didático: uma análise crítica**. Belo Horizonte: Editora Iê, 1994, 222p.

PANNUTI, M. P. A relação teoria e prática na Residência Pedagógica. **XII Congresso Nacional de Educação (EDUCERE)**. 2015.

RELPH, E. **Reflexões sobre a emergência, aspectos e essência de lugar**. MARANDOLA JR, Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Livia de. **Qual o espaço do lugar? Geografia, epistemologia, fenomenologia**. São Paulo: perspectiva, 2014.

ROPER, C. D.; HIRTH, M. A. Uma história de mudança na terceira missão do ensino superior: a evolução do serviço unidirecional para o engajamento interativo. **Journal of Higher Education Outreach and Engagement, Athens**, v. 10, n. 3, p. 3-21, 2005.

ROCHA, L. A. C. Projetos Interdisciplinares de Extensão Universitária: ações transformadoras, Mogi das Cruzes: UBC, 2007. 84 f. Dissertação (mestrado) –**Universidade Braz Cubas. Programa de Pós-Graduação em Semiótica, Tecnologias de Informação e Educação**. Mogi das Cruzes –SP.

RODRIGUES, Leandro Paiva do Monte; MARIANO NETO, Belarmino; SANTOS, Daniele Rodrigues do Nascimento Santos; SILVA, Erica Cabral da; SILVA JUNIOR, José Francisco; SILVA, Pedro Deividly Geraldo da. Práticas de ensino e geografia: a experiência da extensão na formação do professor. In: 8º congresso Brasileiro de extensão universitária, 2018, Natal. **Anais do 8º Congresso Brasileiro de Extensão Universitária**. Natal: SEDIS-UFRN, 2018, p.4094-4106

SACRAMENTO, A. C. R.; FALCONI, Simone. Educação geográfica e ensino de solos: uma experiência em sala de aula. **Revista Geográfica de América Central**, v. 2, p. 1-15, 2011.

SANTOS, S. C. O processo de ensino-aprendizagem e a relação professor-aluno: aplicação dos sete princípios para a boa prática na educação de ensino superior. **Caderno de Pesquisas em Administração**, v. 8, n. 1, p. 69-82, 2001

SANTOS JÚNIOR, A. L. A extensão Universitária e os entre-laços dos saberes. 2013. 248 f. Tese (Doutorado em Educação) – **Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia**, 173 Bahia, 2013.

Santos, M. P. A extensão universitária como “laboratório” de ensino, pesquisa científica e aprendizagem profissional: um estudo de caso com estudantes do curso de licenciatura em Pedagogia de uma faculdade particular do estado do Paraná. Extensão: **Revista Eletrônica de Extensão**, v. 11, n. 18, p. 36-52, 2014.

SAVIANI, D. Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos. **Rev. Bras. Educ.** [online]. 2007, v.12, n. 34, p. 152-165. ISSN 1413-2478.

SILVA, V. **Ensino, pesquisa e extensão: Uma análise das atividades desenvolvidas no GPAM e suas contribuições para a formação acadêmica**. Vitória, novembro de 2011, 5p.

SILVA, W. P. As ações de extensão na construção de uma universidade sertaneja. 2016. 135f. Dissertação (Mestrado) – **Universidade Federal do Ceará, Fortaleza**, 2016.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do Trabalho Científico**. 23ª ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SIMIELLI, M. E. R. **Cartografia no Ensino Fundamental e Médio**. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri (org). **A Geografia na Sala de Aula**. São Paulo - SP: Contexto, 2007, 108p

SÍVERES, L. et al. **Diretrizes de extensão**. Brasília: Universa, 2009.

SOUSA, A. L. L. **Concepção de extensão universitária**. Ainda precisamos falar sobre isso? In: FARIA, D. S. (Org). **Construção Conceitual da Extensão Universitária na América Latina**. Brasília: Universidade de Brasília, 2001. P. 107-126.

SOUSA, A. L. **A história da extensão universitária**. Campinas: Alínea Editora, 2010.

SOUZA SANTOS, B. **Universidade no século XXI: para uma reforma democrática e emancipatória da Universidade**. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2010.

SOUSA, I. B. N, André Reyes. Futuros Caminhos Da Cartografia Escolar: O Uso De Novas Tecnologias Digitais No Ensino De Geografia. Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). In. **VIII COLÓQUIO DE CARTOGRAFIA PARA CRIANÇAS E ESCOLARES**. Rio Claro, 2013

TEODORO, V. L. I.; TEIXEIRA, D.; COSTA, D. J. L.; FULLER, B. B. O conceito de bacia hidrográfica e a importância da caracterização morfométrica para o entendimento da dinâmica ambiental local. **Revista Uniara**, v. 11, n. 20, p. 137-156. 2007.

TAUCHEN, G. O princípio da indissociabilidade universitária: um olhar transdisciplinar nas atividades de ensino, de pesquisa e de extensão. 2009. Tese (Doutorado em Educação) – **Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul**, Porto Alegre, 2009.

TUAN, Yi -Fu. **Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: DIFEL, 1983.

PONTUSCHKA, N. N; PAGANELLI, T. e CACETE, N. H. **Para ensinar e aprender Geografia**. -3ª ed- São Paulo: Cortez, 2009.

PDI UEPB. UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA (UEPB). Plano de desenvolvimento institucional – PDI 2014 – 2022. **Universidade estadual da Paraíba**. 2014, 155p.

VASCO, A. N.; BRITTO, F. B.; PEREIRA, A. P. S.; MÉLLO, J. A. V.; GARCIA, C. A. B.; NOGUEIRA, L. C. **Avaliação espacial e temporal da qualidade da água na sub- bacia do Rio Poxim, Sergipe, Brasil**. *Ambiente & Água*, v. 6, n.1, p. 118-130. 2011.

VASCONCELOS, I. MEC homologa diretrizes da extensão. **Rede Nacional de Extensão: Renex**, 14 dez. 2018.

VIDAL, V. C. C.; ALVES, R de C. Programas e Projeto de extensão da Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes): contribuições do PIBID, RP e NAP na formação inicial docente. In.: **Revista Intercâmbio** - vol. XVII, pp. 001-17, 2020.

VEIGA, M. S. et al. Extensão Universitária e Formação de Professores: um intercâmbio enriquecedor de conhecimento entre escola e universidade. **Rónai–Revista de Estudos Clássicos e Tradutórios**, v. 7, n. 1, p. 51-60, 2019.

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO AVALIATIVO



Projeto de Extensão: **Projeto de extensão: Espaço de experiências na formação de professores no Humaniza Bosque Carlos Belarmino (HCBC)**”.

Estimado (a) participante, este questionário visa fornecer uma avaliação sobre as atividades do projeto, NÃO É NECESSÁRIO SE IDENTIFICAR. Este instrumento buscar possibilitar que o grupo organizador da Extensão possa oferecer uma atividade de melhor qualidade. Agradecemos sua cooperação

1 – Qual a sua faixa etária?

- a) () menos de 18 anos b) () de 18 a 20 anos
c) () de 21 a 25 anos d) () de 26 a 30 anos
e) () de 31 a mais.

2 – Você mora em que Município:

R: _____

3 – Você mora no campo ou cidade?:

R: _____

4 - Qual o seu curso superior e Instituição de Ensino?

5 - Qual semestre você está cursando?

6 – Como você avalia a estrutura física de sua Universidade ?

- a) () Excelente b) () Muita boa
c) () Boa, mas precisa melhorar. **Em que melhorar?** _____
d) () Ruim, mas está melhorando
e) () Ruim, não percebo melhorias.

7 – Em relação ao seu curso superior como você o avalia?

- a) () Excelente b) () Muita bom
c) () Bom, mas precisa melhorar. **Em que melhorar?** _____
d) () Ruim, mas está melhorando
e) () Ruim, não percebo melhorias.

8 - Em relação ao seu ensino básico (ensino médio e/ou fundamental). Dê uma nota entre 1 a 5, onde 1 é péssimo e 5 é ótimo:

9- - Você considera que seu professor de Geografia do ensino básico (a) tinha uma boa didática? Marque 1 de a 5, onde 1 é para péssima e 5 para ótimo.

R: _____

10 - Quais os principais recursos que seu professor (a) de geografia do ensino básico utilizava, marque 1 de a 5, onde 1 é para nunca utilizou e 5 sempre utilizava.

- a) Livro Didático ()
2) Quadro e giz/ lapís ()
3) Aulas dinâmicas ()
4) Datas shows ()
5) Vídeos ()
6) Aula de campo ()
7) Atividade fora da sala de aula ()
8) Celular ()
9) Outro, quais: _____

11 - Você considera que suas aulas de Geografia no ensino básico eram dinâmicas, prazerosas e lúdicas? Marque 1 de a 5, onde 1 é para pessimo e 5 para ótimo.

R: _____

12 – Sobre a atuação dos professores do seu curso superior, como você os avalia em relação a metodologia utilizada na sala de aula?

- a) () A sua maioria utilizam métodos participativos e dinâmicos, envolvendo os alunos, relacionando os assuntos com a formação de professor e sua aplicação em sala de aula.
b) () Alguns utilizam métodos participativos e dinâmicos, relacionando os assuntos com a formação de professor. Mas existe uma minoria de Professores que o principal método de aula é o expositivo.
c) () A minoria de Professores utilizam métodos participativos e dinâmicos, que relacionam os assuntos com a formação de Professor. A maioria dos Professores utilizam o principal método de aula o expositivo, sem relacionar com a formação de Professor.
d) () A maioria dos Professores utilizam o método de aula expositivo, fazendo pouca relação com a formação de Professores.
e) () A maioria dos Professores utilizam o método de aula expositivo, fazendo nenhuma relação com a formação de Professores.

13 – Em relação ao uso de recursos materiais-didáticos em sala de aula ou fora de sala, no seu curso de Formação, como você pode avaliar:

- a) Os Professores utilizam apenas o Datashow e material de leitura apenas dentro da sala de aula .
- b) A maioria dos Professores utilizam o Datashow e material de leitura, mas a minoria utiliza outros recursos como mapa, globo, bússola, atividades fora de sala, aula de campo.
- c) A maioria dos Professores utilizam vários materiais como Datashow, mapas, globo, atividades fora da sala de aula e aula de campo.
- d) A maioria dos professores utilizam materiais de leitura, mas é a minoria que utiliza Datashow.
- e) Os Professores utilizam apenas o material de leitura (artigo, capítulo de livro entre outros).

14 – O curso atendeu suas expectativas?

- a) Não, NÃO atendeu
- b) Atendeu em partes
- c) Sim, Superou minhas expectativas
- d) Sim, atendeu totalmente

15 – Em relação ao grupo de Coordenação do Curso (Professores e Monitores) avalie de 0 (ruim) a 5 (muito bom).

R: _____

16 – Você considera importante a continuidade deste curso de Extensão?

- a) Não.
- b) Sim

17 – Você recomendaria esse curso de Extensão?

- a) Não.
- b) Sim, totalmente
- c) Sim, com cautelas

18 – Os temas trabalhados durante o curso são importantes para o exercício da docência?

- a) Em partes são importantes.
- b) Não, temas não relevantes na sala de aula
- c) Sim, temas relevantes em sala de aula

19 – Em relação aos conteúdos, avalie de 0 (ruim) a 5 (muito bom).

- a) Apresentação e Passeio pelo espaço da UEPB
- b) Dinâmicas com as garrafas pets no Bosque
- c) Circuito de orientação (procurando os pontos)
- d) Meio ambiente e a criação de vídeo
- e) Prática de orientação com o SOL
- f) Sarau do Humaniza Bosque
- g) Abordagem a partir do lugar – visita ao centro de Guarabira
- h) Bacia Hidrográficas
- i) Modelagem de Relevo
- j) Uso de solos.

20 – Em relação ao uso de recursos materiais-didáticos para o ensino utilizados durante curso:

- a) Não conhecia os recursos utilizados. Porém NÃO são aplicáveis em sala de aula.
- b) Conheço os recursos utilizados. Porém NÃO são aplicáveis em sala de aula.
- c) Não conhecia os recursos utilizados. São aplicáveis em sala de aula totalmente.
- d) Conheço os recursos utilizados. São aplicáveis em sala de aula totalmente

21 – Faça algum comentário sobre o que você avalia importante e não foi discutido durante o curso

22 – Elogie, critique, dê sugestões:

Obrigado, pela sua contribuição!!!